

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Hamilton, (re)apropriado:
Uma análise da perspectiva do musical de Lin-Manuel Miranda**

Camila Campos Marcet

PORTO ALEGRE
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Hamilton, (re)apropriado:
Uma análise da perspectiva do musical de Lin-Manuel Miranda**

Camila Campos Marcet

Trabalho de Conclusão do Curso do curso de
graduação em História da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur de Lima Ávila

PORTO ALEGRE
2018

AGRADECIMENTOS

Ao escrever o segundo TCC é normal que muitos dos agradecimentos se repitam, o que apenas demonstra a significância, o impacto e a continuidade da presença de certas pessoas ao longo da minha jornada pela vida.

Portanto, mais uma vez, agradeço ao Professor Arthur por sua paciência, confiança na minha capacidade e seu apoio ao longo da construção deste trabalho. Mais do que isso, obrigada por ter ministrado aquela cadeira de História dos Estados Unidos e abrir as portas para essa área de estudos que rendeu mais uma pesquisa apaixonada.

Aos meus pais, agradeço, de novo, e pelas mesmas coisas. Obrigada pelo amor, pelo carinho, pelo apoio, pelos sonhos e pelas batalhas. Os abraços, as ligações e os almoços foram parte concreta e real da escrita dessas páginas. Ao resto da minha família - sangue ou não - o que importa são os laços de afeto e o apoio durante tempos difíceis. Obrigada por me escolherem e eu sou muito feliz por ter escolhido vocês.

Às minhas amigas que a História me trouxe: o fato de que vocês estão aqui ainda, depois de todos esses anos, apesar da distância maior e das responsabilidades cada vez maiores da vida adulta, é algo que me enche de orgulho e felicidade. Continuem a preencher com a presença de vocês a minha existência, amando-a e aceitando-a do que jeito que é. Prometo tentar sempre fazer o mesmo.

Ao curso de História da UFRGS, aos funcionários da COMGRAD e do NPH, entre outros, agradeço pelo trabalho de vocês que nos permitem construir nossa jornada de conhecimento dentro do espaço privilegiado que é a Universidade Federal. Meu tempo nesse curso foi determinante para minha formação não só acadêmica, mas também política e social. Em tempos como os de hoje, fica cada vez mais clara a importância de espaços seguros para educação crítica. Resistiremos.

B: *thank you*. Alguns agradecimentos mudam, afinal de contas. Certas pessoas viram a nossa vida de cabeça para baixo, sem pedir muita licença e preenchem os nossos dias com apoio, amor e alegria. *Stick around, yeah?*

RESUMO

O presente trabalho almeja investigar a peça “Hamilton - um musical americano” de Lin-Manuel Miranda como uma forma de passado prático. Portanto, pretende-se questionar o contexto político dentro do qual a peça se insere, assim como analisar seu impacto e as discussões causadas na sociedade estadunidense sobre diferentes aspectos dessa produção teatral. Lançada em 2015, o musical acompanha a vida do Pai Fundador dos Estados Unidos, Alexander Hamilton, desde sua infância até o duelo que acabou com sua vida. A peça foi um grande sucesso cultural e de bilheteria, ficando conhecida por sua trilha sonora em rap e R&B e seu elenco de grande diversidade étnica, em que todos os Pais Fundadores eram homens não-brancos. A obra, inspirada pela biografia publicada em 2014 por Ron Chernow, causou debates políticos evidenciando o conflito de discursos entre a administração de Barack Obama e a de Donald Trump. Além disso, a partir da análise de textos de historiadores sobre as escolhas de Miranda no musical, é possível ver as disputas da sociedade dos Estados Unidos e questionar qual América realmente está sendo representada no palco e para quem.

Palavras-chave: “Hamilton - um musical americano”; Lin-Manuel Miranda; Alexander Hamilton; Obama; Trump; Estados Unidos; passado prático.

ABSTRACT

The following paper aims to investigate the play “Hamilton - an American musical” by Lin-Manuel Miranda as a form of practical past. Therefore, it intends to question the political context in which the play is inserted, as well as analyse its impact and the discussions it brought about in the society of the United States about the different aspects of this theater production. Released in 2015, the musical follows the life of the Founding Father of the United States, Alexander Hamilton, from his childhood until the duel that took his life. The play was a great cultural and box-office hit, being known for its rap and R&B soundtrack and its cast of great ethnic diversity, in which all of the Founding Fathers are non-white men. The play, inspired by the biography of Hamilton published in 2014 by Ron Chernow, aroused political debates highlighting the conflict of speech between the Obama and the Trump administration. Besides that, through the analysis of texts by historians about Miranda’s choices in the musical, it is possible to observe the struggles within the society of the United States and question which America is really being represented on stage and for whom.

Palavras-chave: “Hamilton - an American musical”; Lin-Manuel Miranda; Alexander Hamilton; Obama; Trump; United States; practical past.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1: ALEXANDER HAMILTON E A FUNDAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS.....	12
CAPÍTULO 2: HAMILTON, PAI FUNDADOR DE QUE(M)?	28
CAPÍTULO 3: HAMILTON DE LIN-MANUEL MIRANDA, REVOLUCIONÁRIO?	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	53

INTRODUÇÃO

*Como um bastardo, órfão, filho de uma puta e um
Escocês, largado no meio de um esquecido
Ponto do Caribe por destino, empobrecido, na miséria
Cresce e se torna um herói e estudioso?*

Lin-Manuel Miranda¹

Em 12 de maio de 2009, Lin-Manuel Miranda sobe ao palco da Casa Branca para se apresentar na semana da poesia. Até então ele era conhecido como escritor e ator do musical “In The Heights”². Ele anuncia estar trabalhando num novo álbum de hip-hop baseado numa pessoa que é considerada por ele a personificação do espírito do hip-hop: o primeiro Secretário do Tesouro, Alexander Hamilton. A audiência ri, mas Miranda defende seu ponto. “Ele nasceu pobre, órfão em Saint Croix. Nascimento ilegítimo. Tornou-se homem de confiança de Washington. Tornou-se Secretário do Estado. Brigou com todos os outros pais fundadores, e tudo sob a força da sua escrita.”³

Sete anos depois, Lin-Manuel Miranda volta ao palco da Casa Branca. O álbum de hip-hop havia se transformado em um musical e fenômeno de bilheteria. A mesma música – um pouco adaptada – é apresentada por Miranda e parte do elenco principal do musical. O discurso que antecedeu a performance foi feito pelo então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Ao descrever o sucesso da obra, Obama relembra a apresentação de 2009 e a audiência rindo de Alexander Hamilton como espírito do hip-hop. Então, ele pergunta: “E quem está rindo agora?”⁴

¹ Tradução livre da autora. No original: “How does a bastard, orphan, son of a whore and a Scotsman, dropped in the middle of a forgotten; Spot in the Caribbean by providence, impoverished, in squalor; Grow up to be a hero and a scholar;”. Trecho retirado da canção “Alexander Hamilton” do musical “Hamilton - um musical americano”.

² Tradução literal pela autora: “Nas Alturas”. O título se refere a uma região de Manhattan nos Estados Unidos, Washington Heights, conhecido por seus habitantes de origem latina. O musical é sobre as reações de diversos personagens ao processo de gentrificação de seu bairro. Informações retiradas de: <<https://www.intheheightslondon.com/about-the-show>>.

³ Tradução livre pela autora. No original: “He was born a penniless orphan, in St. Croix. Illegitimate birth. Became George Washington’s right-hand man. Became Treasury Secretary. Caught beef with every other Founding Father. And all on the strength of his writing.” Retirado de “Lin-Manuel Miranda performs ‘Alexander Hamilton’ at The White House”, Youtube, postado por Jungle Vlog., 0:24 - 0:39. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E8_ARd4oKiI>.

⁴ Tradução livre pela autora. No original: “And who’s laughing now?”. Retirado de: “Hamilton cast performs ‘Alexander Hamilton’ at White House”, Youtube, postado por CBSN, 1:40-1:13. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPrAKuOBWzw&t=1s>>.

“Hamilton – um musical Americano” foi lançado em fevereiro de 2015 e em agosto do mesmo ano foi para a Broadway. Foi indicado a dezesseis *Tonys* – um recorde – e ganhou onze. O musical também se expandiu para outros palcos, estando em cartaz em Chicago, Londres, Porto Rico, Nova York e em tour pelos Estados Unidos.

A peça consiste em um musical *sing-through*, ou seja, completamente cantado. Portanto, é possível acompanhar a narrativa da peça ao escutar o álbum com a trilha sonora completa, cantada pelo elenco original de estréia na *Broadway*. No entanto, parte do impacto e da narrativa criada pela produção se perde ao ser reduzida apenas a um álbum de canções: a movimentação, a coreografia, o uso do espaço, entre outros aspectos não podem ser analisados neste presente trabalho devido às limitações causadas pela distância. Tentamos suprir essas ausências através do análise de fotos, vídeos e descrições de cenas, quando disponíveis.

A narrativa da peça acompanha brevemente a infância em uma ilha do Caribe de um dos Pais Fundadores dos Estados Unidos, Alexander Hamilton, até a sua morte em um duelo, focando na sua vida pessoal e nas suas contribuições para a independência, fundação e estabelecimento dos Estados Unidos enquanto nação. O musical ficou famoso pela escolha de músicas, que misturam influências de rap e R&B, sobressaindo-se com a maioria das canções do álbum em oposição aos gêneros mais tradicionais de musicais da *Broadway*. Apesar de ser baseado na biografia de Ron Chernow sobre Hamilton - e seguí-la de maneira bastante fiel - , o musical procurou atualizar a forma de contar sua história. O figurino e a narrativa procuram um equilíbrio entre respeitar a fonte e criar uma relação de proximidade com a platéia. Assim, George Washington veste um terno roxo⁵ e as discussões políticas entre os Pais Fundadores são transmitidas através de batalhas de rap - que inclusive se utilizam de trechos reais de documentos históricos.

Porém, o aspecto de “Hamilton - um musical americano” que mais chamou a atenção da mídia e das discussões públicas em geral foi a escolha de elenco. Os Pais Fundadores foram interpretados por homens negros, exceto por Hamilton - incorporado por Lin-Manuel Miranda, porto-riquenho e criador da peça. Além disso, o elenco, em geral, consiste majoritariamente de pessoas não-brancas, de diversas raças e etnias.

⁵ Em entrevista concedida à *Rolling Stones*, Lin-Manuel Miranda descreve o terno roxo de Washington como forma de diminuir a distância entre a audiência e a história contada no palco. Binelli, Mark. “‘Hamilton’ Creator Lin-Manuel Miranda: The Rolling Stone Interview”. *Rolling Stone*, 1 de junho de 2016. Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/hamilton-creator-lin-manuel-miranda-the-rolling-stone-interview-42607/>>.

O presente trabalho pretende analisar essa releitura de um dos pais fundadores, Alexander Hamilton como uma forma de construção de passado prático. Para isso, é preciso levar em consideração o contexto da sociedade estadunidense durante o lançamento do musical, assim como as reações de diferentes setores da sociedade ao sucesso da peça e às discussões públicas geradas pelo engajamento político de seus participantes.

Com esses objetivos em mente, se faz necessário entender o passado prático como proposto Oakenshott e atualizado por Hayden White (2014). Os autores defendem que há diferenças entre o passado, o passado histórico e o passado prático. O primeiro, tendo acabado, não pode ser reproduzido ou imitado e deixa apenas vestígios que podem ser estudados e analisados. O passado histórico, por sua vez, domínio da historiografia e seus historiadores, pretende se afastar do conceito de narrativa sobre o passado por meio da cientificidade e de métodos. Além desses, existiria o passado prático, produto de indivíduos, grupos ou entidades que se utilizam de passados para tomar decisões da vida cotidiana e resolver problemas práticos. Sob essa perspectiva, “Hamilton - um musical americano” aparece como passado prático, uma forma de administração do passado, que procura rever o momento de fundação dos Estados Unidos da América sob novos olhares.

Uma série de artigos por historiadores que analisam essa América representada na peça também será utilizada para compreender as discussões históricas e políticas ao redor da peça. Frutos das escolhas feitas pelo autor da peça, as discussões dos artigos ajudam a evidenciar os pontos destacados e os omitidos por Lin-Manuel Miranda durante sua re-interpretação, não só do Pai Fundador Alexander Hamilton, mas também do processo e do período que fundou a nação estadunidense.

Considerando Rufer (2010), produções públicas, tais como peças teatrais, entre outras, podem ser interpretadas como formas de produção de história e se revelam interessantes por permitirem analisar as disputas ao redor de reconstruções de passado, revelando tensões sociais do presente. Tais disputas ficam evidentes na grande repercussão midiática ao redor da peça e o grande impacto no público. “Hamilton - um musical americano” virou ponto de discussão na sociedade estadunidense. Acolhida, aceita e encorajada pela administração Obama, a peça nunca escondeu seu interesse em avivar debates políticos e se posicionar neles.

Durante o fim do segundo mandato de Obama, a peça e seu elenco estavam envolvidos em campanhas contra Trump - o então candidato à Casa Branca pelo partido Republicano. Depois da derrota de Hillary Clinton nas urnas, o elenco de Hamilton mais uma vez, veio a

público manifestando-se temeroso com as políticas defendidas pela nova administração durante uma visita do vice-presidente eleito, Mike Pence⁶. Toda essa repercussão será analisada através de artigos de jornais e publicações online que reproduziram os eventos mais simbólicos desse embate entre duas Américas - a de Hamilton, Lin-Manuel Miranda e a que elegeu Donald Trump. Ao olhar esses eventos através de publicações de caráter jornalístico, é importante lembrar que não devemos encará-las como representantes da verdade e tampouco da opinião pública, mas, sim, como uma publicação em um meio que representa um grupo social em conflito com outros para impor sua visão (CHAMPAGNE, 1996).

O Alexander Hamilton que inspirou Lin-Manuel Miranda, por sua vez, é aquele apresentado por Ron Chernow na biografia intitulada “Alexander Hamilton” e lançada originalmente em 2004. Chernow já era um autor conhecido, tendo sido premiado por suas obras literárias antes de lançar sua biografia sobre Hamilton. Desde então, também escreveu “Washington, A Life”, uma biografia sobre a vida de George Washington que recebeu o prêmio *Pullitzer* da categoria⁷. Aqui, é necessário analisar o conceito de literatura e história propostos por White (2014) quando discute o passado prático. Para ele, o estudo do passado, não importando o quão baseado em fatos históricos, documentos e monumentos, ainda deixa espaço para conexões entre os fragmentos de passado existentes. Assim, o autor defende que essas conexões, por serem figurativas, são também formas de criação de ficção. A criação desse passado histórico deve ser considerada como relativa ao tempo e à cultura de quem o está escrevendo. Portanto, a versão de Chernow para Hamilton em sua biografia também deve ser considerada como produto de seu tempo e de seu autor, podendo ser analisada como uma narrativa sobre o passado.

Nesse sentido, também serão analisadas publicações - por parte de historiadores, entre outros - que discutem as repercussões e implicações da peça e suas representações do Alexander Hamilton de Lin-Manuel Miranda, inspirado pela visão de Ron Chernow acerca desse personagem histórico. Essas produções questionam as escolhas de Miranda ao narrar esse Pai Fundador e a época em que ele viveu - a fundação dos Estados Unidos. As críticas se baseiam não somente no que Lin-Manuel Miranda mencionou, mas no que está apagado por sua narrativa literária. Aqui, mais uma vez, devemos encarar as publicações não como representativas de uma opinião pública geral de historiadores, mas como parte da discussão

⁶ Mele; Healy, “Hamilton’ Had Some Unscripted Lines for Pence. Trump Wasn’t Happy.” *New York Times*, 19 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/19/us/mike-pence-hamilton.html>>.

⁷ As informações sobre o autor foram retiradas de seu site. Disponível em: <<https://ronchernow.com/about/>>.

desse meio que foi publicada em diferentes plataformas: blogs, revistas e colunas de opinião, obedecendo padrões de escrita, fontes, referências e linguagem adequadas aos meios para os quais foram criados.

A preocupação desta pesquisa está em analisar a discussão e a repercussão do musical escrito e atuado por Lin-Manuel Miranda e a relação da peça com os problemas da época em que foi escrita, nomeadamente a questão da raça, mas também da imigração e das mulheres. Em outras palavras, os limites da liberdade e igualdade nos Estados Unidos. O tamanho do impacto e da repercussão da peça deve ser considerada como parte da grande importância da Broadway e sua relevância para a arte e a cultura estadunidense. É um meio tradicional de teatro, altamente respeitado e com uma audiência composta majoritariamente por brancos (MONTEIRO, 2018a). Além disso, os preços altos também tendem a restringir o número de pessoas que podem assistir à peça. “Hamilton - um musical americano” lançou diversas promoções e doações como forma de estender a sua audiência para um público mais amplo. Ademais, a disponibilização do CD em plataformas online e o grande engajamento de Lin-Manuel Miranda e do elenco original serviram como forma de tornar a peça um grande fenômeno na internet.

Além disso, é necessário entender o contexto da discussão atual em termos históricos. Portanto, o primeiro capítulo deste trabalho será dedicado a uma contextualização histórica da época da fundação dos Estados Unidos e como os acontecimentos políticos que levaram à criação da nação se entrelaçam com a história de vida de Alexander Hamilton. Para isso, serão utilizadas como referências as obras de Ron Chernow (2004) e Mary-Susan Grant (2016).

No segundo capítulo, o trabalho se dedicará a explorar a relação da peça com a administração de Obama e a sociedade ao redor de forma a contrastar a diferença com o mandato de Trump, iniciado em 2017. A fonte de análise será a de publicações jornalísticas que cobriram eventos relacionados a esse tema, assim como trechos de entrevistas e discursos por parte de Donald Trump, além de Barack Obama e Lin-Manuel Miranda, sobre a peça e Alexander Hamilton. Finalmente, o terceiro capítulo demonstrará a discussão e críticas às escolhas da peça e a América que ela representa. A maior parte da discussão está centrada no artigo de Monteiro (2016) e as respostas ao texto publicado por ela por outros historiadores.

As diversas fontes primárias, assim como a maior parte das leituras realizadas para a construção deste estudo estava em língua inglesa. As citações presentes foram traduzidas pela autora, exceto no caso de indicação do contrário.

O objetivo deste trabalho é compreender e analisar a relação de produções públicas de passado prático com a sociedade na qual são produzidas. O foco, nesse caso, em “Hamilton - um musical americano” se deve ao seu grande sucesso, tanto em termos de audiência, quanto na sua repercussão em diversos âmbitos: o teatro, a mídia e a política estadunidenses. O papel importante e o potencial de utilização política de narrativas do passado ficam evidentes ao analisar esse musical. Assim, nos parece relevante considerar essa capacidade devido ao atual contexto político brasileiro. A produção de narrativas sobre o passado não é exclusividade dos historiadores e é preciso compreender o potencial político que produções sobre o passado carregam e como elas podem moldar e afetar discussões e interesses da sociedade ao seu redor.

Alexander Hamilton e a Formação dos Estados Unidos⁸

*Ei, eu sou que nem o meu país;
Eu sou jovem, desarrumado e faminto;
E eu não vou jogar fora minha chance*

Lin-Manuel Miranda⁹

Alexander Hamilton nasceu - de acordo com ele mesmo - em Nevis, ilha caribenha parte das Índias Orientais e colônia Britânica. Sua vida antes de sua chegada ao que viria a ser os Estados Unidos é de difícil dedução devido a falta de documentos que comprovem o que ele mesmo declarava de sua infância. Por exemplo, a sua data de nascimento é controversa. Ainda que ele mesmo - e sua família - a declarasse como 1757, há evidências de que seu nascimento ocorreu antes, de acordo com documentação produzida durante sua moradia em Nevis. Assim, Chernow (2004) prefere considerar seu nascimento em 11 de janeiro de 1755.

Hamilton não falava muito do período de sua vida que passou em Nevis, o que pode ser devido ao seu nascimento ilegítimo. Rachel, sua mãe, era casada com Johann Michael Lavien quando conheceu seu pai, James Hamilton. No entanto, apesar de não divorciada, Rachel já estava separada de seu marido, tendo abandonado a casa e sido acusada de adultério em 1750. Ela foi presa devido às acusações e, meses depois, quando foi solta, fugiu de seu marido, abandonando seu filho mais velho, Peter, e qualquer chance de um futuro casamento.

O pai de Hamilton, James, mudou-se para as Índias Orientais em busca de fortuna. Filho de um *laird*¹⁰ escocês, James era o quarto na ordem de sucessão e teve dificuldades financeiras durante toda a sua vida adulta. Ao contrário de seus irmãos, James Hamilton não procurou educação formal e foi tentar a vida nas ilhas Caribenhas. Sua carreira e suas finanças foram cheias de dificuldades e dívidas que, frequentemente, eram acertadas pelo seu irmão mais velho, John Hamilton.

⁸ As informações deste capítulo sobre a vida de Alexander Hamilton foram retiradas da biografia de Ron Chernow (2004). Enquanto as informações sobre o período histórico foram baseadas na obra de Grant (2012) e Karnal et al (2016).

⁹ Tradução livre da autora. No original: “Yo, I’m just like my country; I’m young, scrappy and hungry; And I’m not throwing away my shot”. Trecho retirado da canção “My Shot” do musical “Hamilton - um musical americano”.

¹⁰ Originalmente, o título designava o chefe de um clã escocês que tinha obrigações para com a comunidade. Eventualmente, o título de laird passou a ser dado a donos de terras escoceses, que tem uma posse histórica do terreno. O título não mais conferia nobreza e estava diretamente relacionado a posse da terra.

Rachel e James Hamilton se conheceram em St. Kitts, por volta de 1750, e tiveram um relacionamento ilegítimo por mais ou menos 15 anos. Os dois tiveram dois filhos que chegaram a vida adulta: James Hamilton Jr. e Alexander Hamilton. James Hamilton viria a abandonar Rachel e os dois filhos em 1766, mas permaneceria no Caribe sem nunca ganhar sua fortuna.

Rachel, por outro lado, também se separaria dos filhos dois anos depois, mas não por vontade própria. Levada a sustentar a família após o abandono de James Hamilton, Rachel abriu uma venda de produtos alimentícios para fazendeiros e criou os filhos no andar de cima da loja até o início de 1768, quando foi acometida por uma febre de razões não específicas. Alexander também contraiu a mesma doença. Sua mãe morreu em 19 de fevereiro de 1768, mas Alexander sobreviveu.

Após a morte de Rachel, James e Alexander Hamilton, órfãos, tiveram a casa e a terra onde moravam confiscados pelo ex-marido de sua mãe, que havia pedido o divórcio em 26 de fevereiro de 1759. Lavien havia justificado o divórcio com o mau-comportamento de Rachel como esposa, o que garantia a ele todos os direitos, mas a ela, nem herança, nem novos casamentos. Assim, James e Alexander tiveram sua herança passada a Peter Lavien, filho legítimo de Rachel e Lavien. Os filhos ilegítimos foram colocados sob a tutela de seu primo, Peter Lytton, que logo cometeu suicídio em 1769.

Depois de mais uma morte, Alexander e Peter foram separados. Peter foi encaminhado para se tornar aprendiz de carpinteiro, enquanto Alexander continuou trabalhando com os comerciantes que haviam fornecido os produtos que sua mãe vendia na loja. Alexander foi transferido para os cuidados de Thomas Stevens, um comerciante bem respeitado.¹¹ Em 1772, Hamilton estava praticamente encarregado do negócio.

Além disso, o adolescente também aproveitou para ler e aprender durante esse tempo, publicando poesia. Foi graças a sua facilidade com as letras que Hamilton se mudou para o continente, o futuro Estados Unidos. Em 31 de agosto de 1772, um furacão assolou a ilha de St. Croix e as outras ao redor. Alexander, então, escreveu uma carta para seu pai relatando a

¹¹ De acordo com Chernow (2004), o fato de que Hamilton foi acolhido por Stevens, além de suas semelhanças e amizade duradoura com o filho mais velho da família poderiam servir como indicação de que Thomas era o pai biológico de Alexander. O historiador destaca a falta de provas para sustentar esse argumento, além de especulação da época e alguma tradição oral. No entanto, para ele, essa teoria ajudaria a explicar alguns detalhes biográficos, tais como o acolhimento pela família Stevens, o escândalo extraconjugal de Rachel e o relacionamento frio e distante de Alexander com James Hamilton, que abandonou a família sem olhar para trás ou manter interesse.

devastação do furacão, que foi publicada no *Royal Danish American Gazette*¹² por recomendação de Hugh Knox, pastor Presbiteriano e amigo de Hamilton.

“Hamilton não sabia, mas ele tinha acabado de escrever sua forma de escapar da pobreza”¹³ (CHERNOW, 2004, p. 37). Devido à forte impressão causada pela carta publicada, uma campanha de arrecadação de fundos foi iniciada para que o autor fosse à América do Norte para estudar. Em Outubro de 1772, Alexander Hamilton partiu para os futuros Estados Unidos para nunca mais voltar.

Fica claro, portanto, a razão pela qual Alexander Hamilton, futuro Secretário do Tesouro, falava pouco sobre sua infância cheia de dificuldades e marcada pela ilegitimidade nas ilhas Caribenhas. Ao se mudar para o continente americano, Alexander pôde começar novamente, apesar de que sua origem viria a ser usada por seus oponentes políticos para denegrir sua imagem.

Enquanto isso, os futuros Estados Unidos se encaminhavam para a separação de seu colonizador, o Reino Unido. De acordo com Grant (2012), as colônias britânicas na América do Norte não tinham muito em comum entre elas. Estabelecidas em momentos diferentes, com princípios diferentes e objetivos diferentes, o que as unia era somente uma relação em comum com a Coroa e a localização geográfica. As relações entre as treze colônias também indicavam essa falta de conexão, exemplificada pelo grande número de disputas entre os vizinhos. As uniões, frágeis e temporárias, formadas entre os diferentes territórios colonizados na América da Norte apareciam sempre como forma de resposta às ameaças por parte da população indígena nativa e dos franceses.

Tampouco a Coroa Britânica e suas colônias tinham uma relação próxima. A visão de senso comum sobre os territórios da América do Norte era a de um lugar onde porções não bem-quistas da população eram enviadas de maneira a aliviar as tensões sociais na terra natal britânica. Assim, as colônias eram habitadas por uma população de dissidentes religiosos, pobres e indesejados. A maior preocupação da Coroa com suas colônias no continente Americano era em relação a possível ameaça de outros países sobre o seu território conquistado e, portanto, sua dominância e prioridade do comércio colonial. Pelo menos até a metade do século XVII.

¹² Jornal semi-semanal das Ilhas Virgens, primeiro a ser publicado na região e que durou de 1770 a 1779. Informações retiradas do site da Biblioteca do Congresso Americano. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/sn84037521/>>.

¹³ Tradução livre pela autora. No original: “Hamilton did not know it, but he had just written his way out of poverty”.

Uma das primeiras tentativas de um maior controle colonial pela Coroa foi feita em 1651, através de um Ato de Navegação que garantia a prioridade da Inglaterra nos negócios da colônia. O Ato foi revisto por Charles II e seguido por um aumento nas empreitadas no continente norte-americano. Esse aumento nas incursões territoriais e no controle político das colônias estaria relacionado ao fim da guerras internas da monarquia e à restauração da Coroa por Charles II em 1660 (GRANT, 2012). As grandes excursões da época terminaram com o estabelecimento da colônia de Pensilvânia. A próxima colônia só viria em 1732, batizada de Geórgia, e serviria como refúgio para devedores.

Para todos efeitos práticos, econômicos, culturais, religiosos e sociais, e, não obstante a Confederação da Nova Inglaterra, existia pouco, além de seus elos com a Grã Bretanha, para uni-los, com uma notável exceção [...] a vulgar burocracia da colonização [...] (GRANT, 2012, p. 77)¹⁴.

Assim, as colônias, através de sua documentação, contratos e acordos estavam criando suas próprias soluções para os problemas relacionados a governo, relações de raça, liberdade religiosa e representação política. E essas soluções não necessariamente se pareciam com aquelas que haviam sido criadas na Inglaterra.

As relações com a Coroa iam se tornando mais frágeis. Ao mesmo tempo em que a partir dos Atos de Navegação, a monarquia começava a tentar aumentar o controle sob as colônias, os norte-americanos estavam criando suas próprias idéias de liberdade e governo. Apesar disso, a oposição iniciada nessa época, ainda não era indício de uma posição anti-colonizadora. O maior controle por parte da Coroa foi o que levou os futuros Estados Unidos a participarem de forma mais ativa no comércio triangular de pessoas escravizadas entre a Europa, os Caribes e parte Oeste da África.

A separação entre as colônias britânicas da América do Norte e a formação dos Estados Unidos da América não eram evidentes, nem facilmente previstas até pouco tempo antes da guerra, mas ideais que levariam à revolução¹⁵ já começavam a aparecer. Os conceitos de liberdade e escravidão conviviam dentro dos territórios colonizados na América, ao mesmo tempo em que a ideia de um continente começava a surgir na mente dos colonos e a Coroa

¹⁴ Tradução livre da autora. No original: “For all practical, economic, cultural, religious, and social purposes, and the New England Confederation notwithstanding, there was little, beyond their links to Great Britain, to unite them, with one notable exception [...] the rather more prosaic bureaucracy of colonization [...]”.

¹⁵ No presente trabalho, o processo de independência dos Estados Unidos da Coroa Britânica é referido como uma revolução, de acordo com o termo utilizado por Grant e Chernow em seus livros. Por outro lado, outros autores discordam do uso desse conceito para se referir a esse processo histórico.

tentava interceder cada vez mais. Concomitantemente, ideias de contrato social e de crescimento social e financeiro através do trabalho duro e de esforço chegavam aos futuros Estados Unidos da América. Pensadores como Benjamin Franklin e Locke defendiam um otimismo em relação ao futuro do Novo Mundo.

A Guerra dos Sete Anos, entre Inglaterra e França durante o período de 1756 e 1763, seria um ponto de mudança, de acordo com Grant (2012). Para a autora, foram as graves consequências, tanto para a população rural quanto para a urbana, da guerra e de seu fim que levaram a uma mudança de perspectiva por parte das colônias. Dessa forma, a guerra que destruiu famílias e comunidades rurais durante a sua duração, afetou as cidades de porto quando acabou, levando o dinheiro e o exército embora. Além disso, ao fim do conflito, houve a tentativa por parte da Coroa de aumentar os impostos e o controle de forma a restabelecer sua prosperidade econômica às custas de seus territórios colonizados. Foi a partir de 1763 que as colônias passaram a desafiar de maneira mais aberta a autoridade da Coroa britânica.

Grant (2012) enfatiza que o processo de separação nunca foi inevitável. As oposições dos colonos às medidas da Coroa não devem ser vistas como uma série de degraus que levaram ao fim da escada: a revolução. Para a autora, não havia nada de extraordinário ou generalizado na resposta das 13 colônias dos futuros Estados Unidos às imposições britânicas até o Ato do Selo de 1765. Foi essa medida por parte do Parlamento Inglês que conseguiu unificar interesses das diferentes colônias e levou à Declaração de Direitos e Queixas. O documento ainda alegava fidelidade à Coroa, mas questionava a possibilidade de taxação sem representação. Ou seja, as colônias criticavam sua falta de representantes e direito a voto no Parlamento Britânico, uma vez que podiam ser taxadas por ele.

Ainda que o Ato do Selo tenha sido rejeitado, a Coroa logo reforçou seu controle sobre as colônias com o Ato Declaratório de 1766. E a aliança que havia sido criada como forma de oposição ao Ato do Selo desapareceu rapidamente até o seu ressurgimento em 1773.

Um ano antes, em 1772, a educação formal de Hamilton começou na *Elizabethtown Academy*, onde ele se preparou para entrar na faculdade. No entanto, sua estadia nessa cidade não durou mais de seis meses. Alexander tentou entrar na faculdade de Princeton - conhecida por suas tendências republicanas - com a proposta de se formar o mais rápido possível. Como seu pedido para uma educação rápida foi negado, Hamilton acabou estudando na *King's*

*College*¹⁶ em um dos grandes bastiões do poder colonial Britânico e, ao mesmo tempo, uma cidade efervescente com as ideias revolucionárias: Nova York.

No entanto, não foi Nova York a cidade responsável por reacender uma resposta unificada das colônias e, sim, Boston e sua *Tea Party*¹⁷. O protesto surgiu em resposta ao Ato do Chá de 1773, que ameaçava os lucros de comerciantes coloniais que contrabandeavam chá holandês com preços menores. O novo Ato liberava a importação de chá pela Companhia das Índias Orientais diretamente para os portos coloniais e impunha a aceitação da taxa da Coroa sob o produto. O objetivo era impedir o contrabando de chá e aumentar o lucro da Companhia que estava financeiramente prejudicada.

Devido à ameaça da perda de lucro e dos impostos sob o chá, colonos tentaram achar maneiras de impedir a chegada da bebida ao continente americano. Essa resistência levou à *Tea Party* de Boston em 16 de dezembro de 1773 - mais ou menos na mesma época em que Hamilton estava entrando na *King's College* - quando os chás recém-importados foram atirados de volta ao mar por homens usando fantasias de vestimentas tradicionais de populações indígenas do continente. Ainda de acordo com Grant (2012), essa situação poderia não ter gerado um conflito armado contra a Coroa não fosse a resposta dada ao incidente.

De acordo com Chernow (2004), Hamilton provavelmente foi o responsável pela publicação anônima *Defesa e Destruição do Chá*¹⁸, publicada no *New-York Journal*, na qual o autor defende a legitimidade da destruição dos produtos, como uma necessidade e um ato político. Essa publicação teria sido o primeiro texto político de Hamilton, que já se interligava com o princípio da revolução.

Em 1774, foram aprovados os Atos Coercitivos¹⁹ que pretendiam aumentar o controle sobre a colônia de Massachusetts, mas acabaram sendo, na visão de Grant (2016), responsáveis por criar uma resposta unificada contra a Coroa Britânica. Esses Atos Intoleráveis, como ficaram conhecidos nas colônias, pretendiam ajudar a manter o controle efetivo sobre o território, mais do que somente o controle econômico. Isso seria feito através do fechamento dos portos da colônia de Massachusetts, a retirada da possibilidade de punição de oficiais do exército britânico ao exigir que eles fossem julgados na Inglaterra e o reforço dos Atos de Aquartelamento, os quais forçavam os colonos a fornecerem casa e comida aos

¹⁶ Tradução livre pela autora: Faculdade do Rei. Instituição acadêmica que ficou conhecida como um bastião da causa Lealista, ou seja dos apoiadores do monarca britânico.

¹⁷ Tradução livre pela autora: Festa do Chá.

¹⁸ Tradução livre pela autora. No original: "Defence and Destruction of the Tea".

¹⁹ Tradução livre pela autora. No original: "Coercitive Acts".

oficiais do exército britânico. Ron Chernow (2004) vai nessa mesma linha de pensamento, colocando esses Atos como a causa de uma primeira aliança entre as colônias, ainda que ela fosse tênue.

Em 6 de julho de 1774, dois meses após a publicação dos Atos Intoleráveis, Alexander Hamilton participou de uma reunião organizada pelos *Sons of Liberty*²⁰ perto de *King's College*. Ele estava entre os que discursaram nesse evento, defendendo a *Tea Party* de Boston e apoiando a ideia de um boicote a produtos ingleses. Para Chernow (2004), esse momento foi decisivo porque lançou Hamilton ao reconhecimento como um jovem defensor da causa colonial.

Em setembro do mesmo ano, o Primeiro Congresso Continental se reuniu em Filadélfia e elaborou um documento relatando ao Rei todos as suas objeções às medidas tomadas pela Coroa. O Congresso contou com a participação de representantes de todas as treze colônias, exceto a de Geórgia. O teor do Congresso não era de separação da Coroa, no início, defende Chernow (2004). Os representantes das diferentes colônias pretendiam apenas criar um embargo total aos produtos da Inglaterra até que os Atos Coercitivos fossem revogados. A proibição se estendia à importação, exportação e consumo dos produtos, sendo que as comunidades foram instruídas a criarem comitês responsáveis por garantirem o cumprimento da resolução.

Grant (2012) ressalta que foi apenas o texto “Senso Comum” de Thomas Paine - publicado em 1776 - que deu aos colonos um movimento generalizado com objetivo de separação. Antes disso, mesmo enquanto começavam o processo de combate armado, a ideia de separação da Coroa não era universal. As consequências dessa revolta ainda não tinham sido completamente consideradas até que o texto de Paine desse um sentido para as ambições dos colonos revoltados.

Ainda assim, o apoio aos esforços da revolução nunca foram absolutos. Grant destaca que, apesar da maioria dos habitantes das treze colônias terem apoiado o movimento revolucionário, é estimado que cerca de meio milhão de pessoas dos três milhões totais ainda apoiavam o regime monárquico. “A posição deles era indesejável ao longo da guerra, porque

²⁰ Tradução livre pela autora: Filhos da Liberdade. A mais famosa das sociedades secretas que surgiram como forma de reagir às leis e atos da Coroa Britânica. Foi responsável por estabelecer uma rede de comunicação e articulação entre os colonos revoltados. Além disso, promovia leituras políticas entre seus participantes. (KARNAL, 2016).

a Revolução era uma guerra civil tanto quanto uma guerra pela independência colonial.”²¹ (GRANT, 2012, p.128).

Em Nova York, Chernow (2004) chama atenção para a revolta dos *Tories*²² da cidade, tais como Myles Cooper - presidente da *King's College* - , em relação às decisões tomadas pelo Congresso Continental. O clérigo Anglicano Cooper não foi o único a deixar o seu desprezo pelas ações contra a monarquia bem claro. Uma série de panfletos intitulados “*A Westchester Farmer*”²³ lançado por Samuel Seabury, reitor Anglicano de Westchester, acusava os revoltosos de estarem prejudicando os próprios colonos e destacava que os fazendeiros seriam os que mais pagariam o preço de um embargo contra a Coroa. A popularidade dos panfletos se tornou um problema para os Patriotas²⁴, que necessitavam de uma resposta literária para as acusações, uma vez que a guerra a ser travada era “[...] por corações e mentes, tanto quanto um confronto militar direto.”²⁵ (Grant, 2012, p. 126).

A resposta Patriota veio pelas mãos de Alexander Hamilton. Primeiramente, ele publicou anonimamente um ensaio de 35 páginas intitulado *A Full Vindication of the Measures of the Congress*²⁶. No texto, ele não somente refutou as contestações de Seabury, defendendo as ações da *Tea Party* e o embargo a produtos da Coroa como algo que causaria muitos danos econômicos para a Inglaterra, mas também se declarou um defensor de seu país: Nova York. Menos de dois anos depois de ter chegado em Nova York, Hamilton já o considerava seu lar (CHERNOW, 2004).

Seabury publicou um texto criticando a publicação de Hamilton, que logo escreveu um novo texto em resposta, “*The Farmer Refuted*”²⁷. Publicada em 23 de fevereiro de 1775, a resposta tinha 84 páginas, durante as quais Alexander Hamilton combateu as críticas de Seabury a seu estilo iniciante. Munido de conhecimento político aprofundado, Hamilton se utilizou do argumento de que a lealdade do povo colonial era ao rei e não ao Parlamento e que, por isso, poderiam combater as medidas dos Atos Coercitivos que haviam sido feitas não por ordem do rei. Sob esse ponto de vista, era possível que as treze colônias mantivessem sua

²¹ Tradução livre pela autora. No original: “Theirs was an invidious position as the war progressed, because the Revolution was a civil war as much as it was one for colonial independence”

²² Nome pelo qual ficaram conhecidos os que apoiavam a causa da monarquia britânica. Em português, também são conhecidos como os Lealistas.

²³ Tradução livre pela autora: “Um Fazendeiro de Westchester”.

²⁴ Como ficaram conhecidos os colonos que lutaram pela causa da independência das treze colônias. Em inglês: *Patriots*.

²⁵ Tradução livre pela autora. No original: “[...] for hearts and minds, as much as a direct military confrontation.”.

²⁶ Tradução livre pela autora: “Uma Defesa Completa das Medidas do Congresso”.

²⁷ Tradução livre pela autora: “O Fazendeiro Refutado”.

lealdade à Coroa ao mesmo tempo em que lutavam por uma independência política do Parlamento Inglês. Além disso, Hamilton defendeu que a vantagem militar do terreno do continente poderia ser aproveitada em favor do exército colonial, uma vez que possibilitaria que eles se utilizassem de técnicas de guerrilha e evitassem grandes confrontos diretos. O jovem autor previu a estratégia que viria a ser adotada por George Washington.

O primeiro encontro armado entre as forças da Coroa e dos colonos revoltados ocorreu em 19 de abril de 1775, quando as forças coloniais ainda não contavam com uma organização centralizada. Os soldados que inicialmente enfrentaram os oficiais da Inglaterra eram cidadãos-combatentes que se organizavam de maneira rápida, de acordo com a necessidade e frequentemente sem acesso aos recursos necessários, tais como munição. Esse ideal de cidadão-soldado teria muita reverberação, reforçando a milícia como a forma idealizada de proteger o interesse público. Hamilton logo se juntou a uma dessas organizações que surgiram em Nova York após o primeiro confronto armado.

As milícias eram mais econômicas, uma vez que os cidadãos-soldados não necessitavam de pagamento por serem voluntários. Por outro lado, eles também eram livres para irem embora quando quisessem. Com a criação do Exército Continental, as tropas passaram a ser pagas, mas isso não as tornou mais profissionais. “Uma tradição militar voluntária casada com um mito de proeza marcial quase-universal se provou uma base instável sob a qual construir um exército.”²⁸ (GRANT, 2012, p.122). Um exército único e profissional nunca foi atingido durante o curso da revolução, que viu o Exército Continental lutar ao lado de milícias estatais.

Washington foi apontado como general e comandante do Exército Continental em 15 de julho de 1775, logo após uma vitória dos futuros estadunidenses. Sua nomeação veio por parte do Segundo Congresso Continental, que viria a ser a primeira forma de governo dos Estados Unidos, ainda que inicialmente, ele não possuísse os poderes que constituem um governo autêntico (CHERNOW, 2004). A guerra foi piorando depois da nomeação do general, com os Britânicos ocupando todas as grandes cidades do continente, inclusive Nova York, que caiu no começo da guerra e só foi retomada ao final do conflito. Washington - que, de acordo com Grant (2012), foi escolhido mais por ser de Virgínia e representar uma suposta união entre as colônias do que por suas habilidades na arte da guerra - perdeu mais batalhas

²⁸ Tradução livre pela autora. No original: "A voluntary military tradition married to a myth of near-universal martial prowess proved an unstable basis on which to construct an army."

do que ganhou. Para a autora, o grande mérito de George Washington foi conseguir balancear os diferentes interesses em jogo ao longo da guerra.

O conflito durou seis anos. Durante esse tempo, Washington nunca conseguiu o exército permanente pelo qual pediu ao Congresso Continental veementemente. Além disso, os recursos eram escassos e os períodos de alistamento eram curtos, fazendo com que as tropas estivessem mudando constantemente. No entanto, os Britânicos também enfrentaram problemas próprios, de recurso e liderança, e ajudaram a arrastar o conflito por anos, uma vez que falharam em aproveitar sua superioridade militar.

Alexander Hamilton continuou a escrever e batalhar durante esse período. Lançou textos que argumentavam contra o Ato do Quebec e participou voluntariamente de uma ação que retirou os canhões de Manhattan do alcance da Marinha Real Britânica. Ao mesmo tempo, ele continuou frequentando *King's College*, publicando textos políticos e poesias, especialmente no *New York Journal* e praticando com a milícia diariamente (CHERNOW, 2004).

Em 23 de fevereiro de 1776, Hamilton foi apontado capitão de uma companhia de artilharia do primeiro regimento patriota de Nova York. De acordo com Chernow (2004), a diligência de Hamilton para com as aparências, uniformes e treinos de seus soldados, além de sua grande capacidade intelectual, foi o que causou uma boa impressão do jovem capitão em homens mais velhos e em posições de poder. Assim, seus méritos eventualmente chegaram aos ouvidos de George Washington, que chegou em Nova York em abril do mesmo ano.

Foi quando Nova York foi perdida e as tropas patriotas recuaram em direção a *Harlem Heights*²⁹ que Washington teria reconhecido os talentos de Hamilton, de acordo com o filho desse, John C. Hamilton (CHERNOW, 2004). Já em 1777, enquanto Washington re-agrupava seu exército depois de garantir a posse patriota da colônia da Filadélfia, Hamilton foi convidado a se juntar à “família” de Washington. Assim se referiam ao grupo de ajudantes de campo de George Washington: família. Ao se juntar a esse grupo restrito e privilegiado, Alexander Hamilton pulou para o cargo de tenente-coronel.

Esse relacionamento entre Hamilton e Washington seria de grande importância para ambas as partes. De acordo com Chernow (2004), os talentos dos dois Pais Fundadores se complementavam. Enquanto Washington tinha um bom julgamento e objetivos claros, Hamilton possuía conhecimento qualificado para transformar ideias em planos de ação. Além

²⁹ Atualmente conhecida como *Morningside Heights*, bairro de Manhattan.

disso, Alexander era um ótimo narrador, enquanto Washington deixava a desejar nesse aspecto. Desse modo, o jovem tenente-coronel logo se tornou um redator indispensável para o general, que precisava negociar politicamente, de maneira constante, com o Congresso Continental e outras importantes figuras políticas. Por outro lado, o autor destaca a diferença de temperamento entre os dois, o que viria a tornar o relacionamento um tanto quanto instável. O impacto da aprovação de George Washington na futura carreira de Hamilton é incomensurável já que foi durante o governo daquele que Alexander viria a ficar encarregado da Secretaria do Tesouro.

Em 1778, a vitória Continental em Saratoga havia garantido o apoio francês aos esforços da revolução e os espanhóis foram os próximos a declarar apoio às treze colônias. No entanto, os problemas com o que deveria ser um exército unificado continuavam. No ano de 1780, Washington começou a liderar seus homens de forma a combater os Britânicos com táticas de guerrilha. Assim, tornava-se mais difícil ganhar decisivamente do Exército Colonial. As terras continentais começaram a ser retomadas pelo exército de Washington e, com a ajuda dos aliados franceses, foi possível conquistar uma rendição do exército Britânico em Yorktown em 19 de outubro de 1781.

Durante os anos de guerra, houve períodos de calma suficiente para que a vida social dos patriotas - ainda que afetada - pudesse continuar. Nesse período, Hamilton teve acesso a uma elevada camada social, por ser parte da “família” de George Washington. Em 2 de fevereiro de 1780, Elizabeth Schuyler, filha do general patriota Philip Schuyler, chegou aos entornos do acampamento de Washington e, logo, conquistou Alexander Hamilton. Menos de um mês depois do início de seu relacionamento romântico, Hamilton e Schuyler já haviam decidido se casar. A família Schuyler era rica e parte da alta sociedade de Nova York, o que convinha com as ambições do jovem Alexander. O casamento foi realizado em 14 de dezembro de 1780 dentro da mansão da família Schuyler.

Em 31 de julho de 1781, Alexander Hamilton foi apontado comandante de uma infantaria nova-iorquina, conseguindo o seu tão sonhado comando de guerra. Assim, promovido a Coronel, Hamilton poderia ter uma chance de ser considerado um herói de guerra, apesar de ter passado tanto tempo como ajudante de Washington e longe do campo de batalha. Ele foi nomeado por Washington - substituindo um oficial francês que havia sido escolhido antes - para comandar uma das forças de ataque da batalha de Yorktown e conseguir seu título de herói (CHERNOW, 2004).

Yorktown não foi realmente o fim da guerra. Tropas britânicas ainda permaneceram em solos continentais, ainda que tivessem tomado uma postura defensiva e sem muitas pretensões. Em 1782, emissários foram enviados para Paris por ambas as partes com o objetivo de assinar um tratado que garantisse os termos da paz.

Com a paz alcançada, ainda era necessário criar a nova forma de governo. O Congresso Continental, que havia atuado como governo durante a Revolução, tinha poderes extremamente limitados de acordo com os Artigos da Confederação, de 1777. Se os artigos não haviam sido suficientes para garantir ao Congresso obediência e a capacidade de organizar um exército durante a Revolução, como eles serviriam para governar a nova nação?

Liberdade como um direito inalienável, defende a Declaração de Independência. Os cidadãos eram livres - teoricamente - para escolherem seus representantes através da democracia. No entanto, na prática, os candidatos eram restritos a membros da elite colonial, garantindo certa estabilidade social. Todos os homens eram iguais e livres - menos os escravizados. Todos os homens eram iguais e livres - menos as mulheres. Todos os homens eram iguais e livres - menos os pobres.

A discussão entre a liberdade também se expandia para o âmbito das treze colônias. Cada colônia era livre, mas ao mesmo tempo elas se encontravam unidas sob um poder central. Deveria-se garantir a liberdade de cada colônia/estado ou dar mais poder para o governo central? Essa pergunta foi o âmago de muitas disputas políticas durante o processo de construção da nação estadunidense e a figura política de Alexander Hamilton foi peça fundamental da discussão.

Em maio de 1787, a Convenção Federalista se reuniu em Filadélfia para revisar os Artigos de 1777. A imensa quantidade de dívida pessoal e dos governos dos Estados criaram a necessidade dessa revisão. Sem poderes de taxação o Congresso não poderia coletar o dinheiro para pagar as dívidas dos Estados Unidos com outros países e com os próprios cidadãos que haviam fornecido equipamento, terras e dinheiros à causa da Revolução. Uma rebelião de fazendeiros endividados devido aos impostos extremos do estado de Massachusetts - que tentava reunir dinheiro para quitar os dividendos - serviu para demonstrar a crescente impaciência com as faltas de pagamento e tornar a discussão sobre a economia da nova nação de suma importância.

Alexander Hamilton - já com diploma de direito e membro da Assembléia de Nova York - contribuiu para a reunião da Convenção, sugerindo a criação de um comitê de seu

estado para participar da reunião na Filadélfia. Assim, Hamilton foi mandado à Filadélfia junto de outros dois representantes que, por sua vez, eram firmes oponentes da criação de impostos e do aumento do poder central. A posição de Hamilton dentro dessa discussão, por outro lado, era clara: ele defendia um governo central forte de forma a manter a união das treze colônias e criar uma nação única. Alexander tinha uma forte tendência - mais do que todos os outros Pais Fundadores - a desconfiar da grande massa e sua sabedoria, sempre acreditando que ela deveria ser guiada por líderes eleitos (CHERNOW, 2004).

No fim, a convenção acabou por criar o que viria a ser a Constituição dos Estados Unidos - praticamente intocada até hoje, exceto pelas dez emendas que foram acrescentadas ao texto em 1789. O grande debate que havia ocorrido durante a criação do documento havia sido mais sobre a representação dos estados dentro do novo governo do que sobre o quesito do poder central *versus* o estatal. Um acordo foi atingido de forma a contentar estados com maiores e menores populações. Ademais, de maneira a atingir termos que pudessem estabilizar a união entre os estados, foi criado o *federal ratio*. De acordo com essa proposta, cada três negros escravizados contavam como um branco livre, inflando de maneira artificial a população dos estados do Sul - que tinham uma grande população de negros escravizados - e garantindo que escravagistas donos de grandes terras tivessem uma forte participação no novo governo. Essa medida garantiria o poder político daqueles senhores que já baseavam o seu poder econômico no trabalho escravo de negros e negras.

No entanto, o documento ainda precisava ser ratificado por nove dos treze estados para que fosse considerado válido. Uma vez que os membros da Convenção de Ratificação do estado de Nova York precisavam ser eleitos, Hamilton criou um plano para defender o documento criado em Filadélfia e eleger representantes que o apoiassem. O primeiro ensaio do que viria a ser conhecido como os Papéis Federalistas foi publicado em 27 de outubro de 1787. Além de Hamilton, houveram outros dois autores dos textos: John Jay e James Madison. No total, foram publicados 85 ensaios. Apenas cinco foram de Jay - que ficou doente durante o período, 29 de Madison e os restantes 51 são atribuídos a Alexander Hamilton, ainda que os autores nunca tenham declarado suas obras publicamente (CHERNOW, 2004). Fica claro que, apesar de sua discordância política com o documento, Hamilton não mediu esforços para aprová-lo uma vez que considerava a união dos estados sob um governo central forte como essencial para a sobrevivência e prosperidade dos Estados Unidos.

Apesar de seu grande alcance e sua importância até hoje por terem explicado de forma extensa e clara as intenções por trás da Constituição, os Papéis Federalistas falharam no seu intuito inicial de angariar votos em representantes a favor do documento no estado de Nova York. As diferentes convenções de cada estado foram organizadas de maneira que não acabassem ao mesmo tempo, por isso, a Constituição já tinha sido aprovada antes do fim da reunião de Nova York. Como dez estados já haviam ratificado o documento, Nova York enfrentava a decisão de aceitar a Constituição ou ser ver excluída como Carolina do Norte e Rhode Island. No dia 26 de julho, os votos foram contabilizados e - com mudança de posições nos últimos instantes - o estado aprovou a Constituição com a menor margem de diferença de votos das treze convenções. Hamilton foi publicamente aclamado pelo seu papel na aprovação do novo governo e da Constituição, gozando de popularidade - pelo menos, temporariamente (CHERNOW, 2004).

O novo governo criado com a aprovação da Constituição ainda tinha muitas decisões a fazer. George Washington concorreu para o cargo de presidente ao mesmo tempo que John Adams se candidatou como vice-presidente.³⁰ Nas palavras de Hamilton, somente Washington “[...] pode unir suficientemente o opinião pública ou pode dar o peso requerido para o cargo no começo do governo.”³¹ (PAH, vol. 5, p. 234, letter to George Washington *apud* CHERNOW, 2004, p. 271). Nova York havia sido escolhida como lar temporário do novo governo eleito e foi onde George Washington iniciou seus trabalhos como primeiro Presidente dos Estados Unidos em 30 de abril de 1789.

Eventualmente, Hamilton e Madison - que colaboraram de maneira próxima para a criação dos Papéis Federalistas - viriam a defender posições políticas conflitantes que representariam a discussão entre os Federalistas e os Anti-federalistas. Com Washington no poder, uma perspectiva federalista comandou os primeiros atos do governo estadunidense e a oposição que existia, ainda não era uma alternativa política representada por um partido.

“Os atos práticos de construir uma administração funcional ao lado de um programa econômico viável couberam ao [...] Secretário do Tesouro, Alexander Hamilton” (GRANT, 2012, p. 149)³². Tendo aceitado a controversa posição de governo em 11 de setembro de 1789, apesar dos avisos de que estaria sob constante ataque devido a causa da separação com a

³⁰ Nota sobre possibilidade de eleger o vice chernow, p.271

³¹ Tradução livre pela autora. No original: “[...] can sufficiently unite the public opinion or can give the requisite weight to the office in the commencement of the government.”

³² Tradução livre da autora. No original: “The practical business of constructing a working administration alongside a viable economic program fell to [...] Secretary of the Treasury, Alexander Hamilton.”

Inglaterra, Alexander Hamilton tornou-se o primeiro Secretário do Tesouro (CHERNOW, 2004). A parceria entre Washington e Hamilton se renovava, mais uma vez alavancando Alexander social e politicamente.

Em 14 de janeiro do ano seguinte, Hamilton publicou o texto que viria a dividir ele e Madison politicamente e impulsionaria a criação de um partido de oposição, os Republicanos-Democratas. Representados primariamente por Jefferson, os políticos estavam preocupados com a possibilidade da intervenção do governo central na vida individual e nos poderes dos governos estaduais o que poderia, no seu ponto de vista, levar a um abuso de poder. O *Report on Public Credit* de Hamilton, desenhava o estado atual do crédito da nação, como sugere o nome, mas também se estendia com os planos do Secretário para a resolução do problema e a revitalização da economia incipiente. As ações propostas incluíam a criação de um banco nacional, a divisão da dívida nacional igualitária entre os estados e um sistema de taxaço. Suas propostas tinham uma tendência centralizadora e fez com que os Republicanos-Democratas começassem a se organizar politicamente para combater essa tendência de governo.

A aprovação do plano econômico de Hamilton só ocorreu devido a um acordo entre os representantes dos dois pontos de vista políticos da época. Outro debate inflamado da época era a definição da localização da capital do país. A escolha de Nova York como lar temporário do governo já havia causado disputas e debates acirrados, e a permanência da capital na cidade era uma causa defendida por Alexander Hamilton. No entanto, ele estava disposto a trocar a capital pela aprovação de seus planos a favor de uma divisão da dívida nacional. Uma reunião entre Hamilton, Jefferson, Madison - e mais algumas pessoas, talvez - definiu a capital temporária em Filadélfia e a permanente em Potomac, no Sul do país, em troca de um plano de dívidas que era mais favorável ao Norte.

Em 1796, George Washington se recusou a concorrer a um terceiro mandato na presidência. John Adams, Federalista, e Thomas Jefferson, Republicano-Democrata, assumiram os cargos de presidente e vice-presidente, respectivamente, após a saída de Washington. Tendo conflitos pessoais e políticos com Adams, Hamilton fez campanha contra ele beneficiando o candidato a vice-presidente proposto pelo partido deles. Por isso, Hamilton não participou do governo seguinte, já tendo se demitido do cargo de Secretário do Tesouro, devido a problemas pessoais financeiros.

No entanto, Alexander Hamilton continuou parte integral da vida política pública dos primeiros anos dos Estados Unidos até sua morte precoce, sendo, por exemplo, o centro do primeiro escândalo sexual envolvendo um político na história do país recém-criado³³. Com a popularidade flutuante ao longo de sua carreira, Hamilton nunca alcançou um cargo de proeminência política além de Secretário do Tesouro. Por outro lado, ajudou a eleger Thomas Jefferson em 1801 em detrimento de John Adams - candidato Republicano, do partido de Hamilton - e Aaron Burr - candidato a vice-presidência pelos Republicanos-Democratas, que chegou perto de tirar a presidência de Jefferson.

A disputa acirrada entre Burr e Jefferson e uma possível conspiração do vice-presidente eleito para ganhar o cargo principal, levaram a um afastamento entre os dois e a não-renovação da chapa. Burr decidiu, então, concorrer ao cargo de governador de Nova York em 1804. Burr perdeu a eleição - mais uma vez sendo atacado por Alexander Hamilton durante a campanha, que apoiava o outro concorrente, membro do partido Federalista. A disputa pública entre os dois tomou ares pessoais - a rivalidade já tinha longa data, desde que Burr havia tomado o assento da Legislatura de Nova York do sogro de Hamilton. A discussão entre os dois levou a um duelo.

Em 11 de julho de 1804, às margens do rio Hudson, Burr atingiu Alexander Hamilton com um tiro de pistola que viria a levá-lo à morte. Hamilton morreu no dia seguinte, tendo recebido a visita da família. Aaron Burr foi julgado pelo assassinato de Hamilton e, apesar de inocentado, nunca recuperou sua reputação. Elizabeth Schuyler enterrou o marido que morreu da mesma forma como seu primogênito havia morrido - ambos em duelos por honra manchada. Ela ainda viveria até 1854, lutando para manter a reputação e preservar a memória de “seu Hamilton” através da publicação de seus escritos.

³³ Alexander Hamilton foi acusado de ter desviado dinheiro das contas públicas para proveito próprio por publicações de inimigos políticos. Como forma de combater os rumores de sua corrupção, ele publicou uma carta na qual revelou que estava apenas usando dinheiro de seu próprio bolso para comprar o silêncio do marido de uma mulher com a qual havia tido relações extra-conjugais (CHERNOW, 2004).

Hamilton, Pai Fundador de Que(m)?

A História oblitera, com cada imagem que pinta

Lin-Manuel Miranda³⁴

As cortinas de “Hamilton: um musical Americano” se abrem e o ex-vice-presidente Aaron Burr questiona a ascendência de Alexander Hamilton. Logo, outras figuras importantes e bem conhecidas da história da fundação dos Estados Unidos se juntam a ele no palco. Washington, Jefferson, Adams, além de Hamilton, estão no palco, mas não se parecem com suas imagens tão bem divulgadas pelos livros de história. Seus atores são negros ou hispânicos.

Hamilton, em si, é representado pelo criador do musical, Lin-Manuel Miranda. Filho de imigrantes porto-riquenhos, Miranda criou a peça para contar a história de um imigrante que ganhou notoriedade e reconhecimento através da força de suas palavras. Alexander Hamilton tem sido uma figura polêmica historicamente. Primeiro Secretário do Tesouro, autor da maior parte dos Papéis Federalistas e centro do primeiro escândalo sexual da história política dos Estados Unidos, sua reputação tem sido alvo de disputas. De acordo com Ron Chernow, autor da biografia que inspirou Miranda a fazer o musical, “Poucas figuras na história da América, já despertaram amor ou ódio tão viscerais como Alexander Hamilton.”³⁵ (CHERNOW, 2004, p. 03)

Sua esposa, Eliza Hamilton, lutou para recuperá-lo dos ataques que haviam sido feitos por seus inimigos políticos após sua morte, através da publicação de uma biografia autorizada de Hamilton baseada nos manuscritos que ela havia guardado. O compêndio de sete volumes, publicado após a morte de Eliza, foi escrito pelo quarto filho do casal, John Church Hamilton. Apesar da publicação da obra e de certo reconhecimento de seus méritos durante a era do Republicanismo Progressista, Alexander Hamilton não havia recebido a mesma publicidade que Washington ou outros pais fundadores dos Estados Unidos - pelo menos, não até que a peça fosse lançada. Seu reconhecimento pelo público em geral estava mais ligado à sua morte por duelo do que à suas contribuições para a fundação e estabelecimento dos Estados Unidos.

³⁴ Tradução livre pela autora. No original: “History obliterates, in every picture it paints”. Trecho retirado da canção “The World Was Wide Enough” do musical “Hamilton - um musical americano”.

³⁵ Tradução livre pela autora. No original: “Few figures in American history, have aroused such visceral love or loathing as Alexander Hamilton.”

Se seus méritos para a construção dos Estados Unidos não foram tão reconhecidos quanto os de seus contemporâneos, Hamilton nunca deixou - vivo ou morto - de criar polêmica, sendo interpretado por alguns como um defensor da aristocracia, desmerecido por sua origem estrangeira e/ou acusado de ser um agente da coroa Britânica (CHERNOW, 2004). No entanto, a vida de Hamilton também pode ser interpretada sob o olhar da narrativa do imigrante que chega a América e vence na vida. Essa perspectiva aparece na biografia de Chernow - “Ele personificou um arquétipo duradouro: o imigrante desconhecido que vem para América, recria a si mesmo, e é bem sucedido apesar da falta de nascimento e criação adequados.”³⁶ (CHERNOW, 2004, p. 04) - e reaparece no discurso de Lin-Manuel Miranda.

Em uma entrevista com Emma Watson, Miranda descreve a vida de Hamilton como uma proto-história de imigrante, “Antes de ter uma América, esse cara meio que veio para cá por uma vida melhor e conseguiu fazer uma.”³⁷. Esse mesmo viés é apontado por Barack Obama no discurso que precede a apresentação do musical na Casa Branca em 2016³⁸. O 44º presidente dos Estados Unidos identifica a história da peça de Miranda como “[...] uma história americana por excelência”³⁹ e que é possível ver na vida de Alexander Hamilton, retratada no musical, a história e o espírito da nação estadunidense.

A tendência da figura de Hamilton a causar polêmicas continuou com a adaptação de sua biografia para um musical. Desde o início, a obra de Lin-Manuel Miranda foi objeto de muitas reportagens da grande mídia dos Estados Unidos. Em uma crítica publicada no *New York Times*, a autora menciona a quantidade enorme de cobertura que a peça recebeu mesmo antes de ter sido oficialmente aberta para o público⁴⁰. O musical, que já em suas letras e sua escolha de atores, posiciona-se ao dar espaço para mulheres, atores de cor e defender os imigrantes, não deixou de se expandir e participar de disputas políticas que aconteciam na sociedade estadunidense.

³⁶ Tradução livre da autora. No original: “He embodied an enduring archetype: the obscure immigrant who comes to America, re-creates himself, and succeeds despite a lack of proper birth and breeding.”

³⁷ Tradução livre da autora. No original: “Before there was an America, this guy sort of came here for a better life and managed to make one.”. Retirado de: “Emma Watson interviews Lin-Manuel Miranda for HeForShe Arts Week”, Youtube, 02:03 - 02:13. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-NbEbkVrVWY>>.

³⁸ “Hamilton cast performs ‘Alexander Hamilton’ at White House”, Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPrAKuOBWzw&t=1s>>

³⁹ Tradução livre pela autora. No original: “[...] a quintessentially American story.” Retirado de: “Hamilton cast performs ‘Alexander Hamilton’ at White House”, vídeo de Youtube, 03:49 - 03:40. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPrAKuOBWzw&t=1s>>

⁴⁰ Brantley, Ben.”Review: ‘Hamilton,’ Young Rebels Changing History and Theater”. *New York Times*, 6 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/07/theater/review-hamilton-young-rebels-changing-history-and-theater.html?_r=0>.

Em 18 de novembro de 2016, o então vice-presidente eleito Mike Pence foi à Broadway assistir uma apresentação de “Hamilton - um musical Americano”. Sua visita e o discurso feito pelo elenco ao político foram motivos de grande repercussão nas redes sociais e na grande mídia estadunidense. Esse incidente aconteceu durante um momento político conturbado, no qual Donald Trump já havia sido eleito para o próximo mandato presidencial, enquanto Obama ainda concluía os últimos meses de sua segunda administração.

“Hamilton - um musical Americano” tem uma história de proximidade com a administração de Obama. A primeira apresentação de “Alexander Hamilton”, música que depois viraria o ato de abertura da peça, aconteceu dentro da Casa Branca por convite de Michelle e Barack Obama durante um evento de poesia e música em 2009⁴¹. Sete anos depois, durante o segundo mandato de Barack Obama, Lin-Manuel Miranda e o elenco de seu musical foram convidados à Casa Branca para uma performance e um workshop com estudantes de artes⁴².

Além disso, Renée Elise Goldsberry - atriz que viveu Angelica Church no elenco original da Broadway - e Lin-Manuel Miranda se apresentaram em um evento de arrecadação de dinheiro para Hillary Clinton durante a campanha presidencial contra Donald Trump. Uma versão de “Ten Duel Commandments” foi escrita em homenagem à então presidenciável e possível sucessora de Obama - que veio a perder as eleições para o candidato Republicano. A nova letra continha uma clara referência a Trump: “Nós sabemos que nossa Hillary não desiste; Nós assistimos enquanto seu oponente senta e mexe com seu *Twitter*”⁴³.

As conexões entre “Hamilton - um musical americano” e a administração Obama se estendem para além desses casos já mencionados. No 70º *Tony Awards*, cerimônia de premiação anual para musicais, a peça de Lin-Manuel Miranda concorreu a dezesseis prêmios e ganhou onze. A apresentação de uma das músicas no palco do *Tony Awards* foi precedida por um vídeo de Michelle e Barack Obama no qual que eles contam a história da visita de Miranda à casa Branca em 2009⁴⁴.

⁴¹ “Lin-Manuel Miranda performs ‘Alexander Hamilton’ at The White House”, Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E8_ARd4oKiI>

⁴² “Hamilton cast performs ‘Alexander Hamilton’ at White House”, Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPrAKuOBWzw&t=1s>>

⁴³ Tradução livre da autora. No original: “We know that our Hillary’s no quitter; We watch as her opponent sits and fiddles with his Twitter”. Retirado de: “Lin-Manuel Miranda changes Hamilton lyrics for Hillary Clinton”, Youtube, 0:49 - 0:54, postado por CBS News. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o10xcWo2k04>>.

⁴⁴ “70th Annual Tony Awards ‘Hamilton’”, Youtube, 0:00 - 1:19, postado por BroadwayInHD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b5VqyCQV1Tg>>

Por outro lado, a oposição entre o musical e a administração de Trump fica clara no incidente da visita de Mike Pence à apresentação do musical. De acordo com a reportagem de 19 de novembro de 2016 do *New York Times*⁴⁵, o então vice-presidente eleito foi recebido no teatro entre vaias e aplausos. A reportagem ainda relata que uma fala famosa do musical sobre imigrantes - “Imigrantes, nós damos conta do recado.”⁴⁶ - teve grande apoio e palmas do público, o que aponta para um claro conflito entre a mensagem do musical e a política anti-imigração da administração Trump.

Ao final da apresentação, o ator Brandon Victor Dixon, que representava o papel do terceiro vice-presidente dos Estados Unidos, Aaron Burr, chamou Pence e lhe dirigiu uma nota em nome de todo o elenco. Os outros atores e atrizes permaneceram de braços dados, logo atrás de Dixon, enquanto a nota era lida. O discurso inicia agradecendo a presença de Pence e lhe pedindo sua atenção. Identificando-se como a “América diversa”, o elenco de Hamilton diz ter medo de que a administração de Pence – e Trump – não os vá proteger. Nem a eles, nem a seus direitos inalienáveis, nem ao planeta, nem a suas crianças.

A nota termina desejando que a peça tenha inspirado o vice-presidente eleito a respeitar seus valores americanos e trabalhar em nome de todos eles. O ator enfatiza a última fala com um gesto de braços abertos: “Todos nós.”⁴⁷. Agradecendo a presença do vice-presidente, Dixon ressalta que a história da peça é uma história Americana, contada por homens e mulheres de diferentes raças, credos e orientações.

A reação de Trump veio por meio da plataforma social *Twitter*, como havia sido criticado pela campanha de Clinton. O presidente-eleito acusou o elenco de “Hamilton - um musical americano” de ter assediado Pence e exigiu um pedido de desculpas, defendendo que o teatro deveria ser um local especial e seguro. Dixon respondeu às acusações através de um *tweet*, argumentando que conversa não era assédio e agradeceu a Pence por ter escutado⁴⁸.

As repercussões do caso se prolongaram, de acordo com uma reportagem de *The Wrap*⁴⁹ que criou uma linha do tempo dos eventos ao redor do discurso. No dia seguinte à ida de

⁴⁵ Mele; Healy, “Hamilton’ Had Some Unscripted Lines for Pence. Trump Wasn’t Happy.” *New York Times*, 19 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/19/us/mike-pence-hamilton.html>>

⁴⁶ Tradução livre pela autora. No original: “Immigrants, we get the job done”. Retirado da canção “Yorktown. The World Turned Upside Down.” do musical “Hamilton - um musical americano”.

⁴⁷ Tradução livre da autora. No original: “All of us”. Vídeo, 1:00-1:01. Disponível em: Mele; Healy, “Hamilton’ Had Some Unscripted Lines for Pence. Trump Wasn’t Happy.” *New York Times*, 19 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/19/us/mike-pence-hamilton.html>>

⁴⁸ Os *tweets* mencionados neste parágrafo encontram-se como fotos na reportagem de Mele e Healy.

⁴⁹ Verhoeven, B. “Hamilton’ vs Donald Trump-Mike Pence: A Timeline”. *The Wrap*, 21 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.thewrap.com/hamilton-donald-trump-mike-pence-timeline/>>

Pence ao teatro, um apoiador de Trump teria ido ao teatro e gritado “Nós ganhamos! Vocês perderam! Superem! F*-se”⁵⁰. Outras pessoas como Little Stevens e Bruce Springsteen - ambos músicos - teriam feito comentários e referências ao episódio, sempre com muita repercussão.

Além disso, Pence declarou no dia 20 - ainda de acordo com a linha do tempo - que não se sentiu ofendido com o discurso. No dia 21, o ator Brandon Victor Dixon falou em um programa da *CBS* que não teria porque se desculpar pelo discurso. É interessante notar que essa reportagem do *The Wrap* termina com uma galeria intitulada: “5 grandes notícias sobre Trump que você perdeu com a distração ‘Hamilton’.”⁵¹. De acordo com as legendas das fotos, Donald Trump estaria enterrando um caso de fraude sendo investigado na época com a polêmica ao redor de “Hamilton - um musical americano”.

Cabe aqui uma reflexão sobre o que esse conflito entre a peça e a administração de Trump ressalta. “Hamilton - um musical americano” nasce sob a tutela de um presidente negro, filho de um estrangeiro negro e uma mulher branca, nascido em terras não-continentais dos Estados Unidos. Alexander Hamilton, por sua vez, nasceu em áreas não-continentais das antigas colônias britânicas e foi fruto de um relacionamento fora do casamento entre uma mulher britânica e francesa e um escocês. Que a história de Alexander - pelo menos aquela destacada por Lin-Manuel Miranda - ressoe com a administração de Obama e sua visão de América não nos parece surpreendente.

No seu último *State of the Union Address*⁵², em 2016, Obama falou sobre sua visão para o país. O presidente descreve a democracia estadunidense como difícil e diz que a participação de todos os cidadãos é necessária para a sua manutenção. Ele fala das vozes inspiradoras que ajudaram o país a avançar e complementa: “Vozes que nos ajudam a ver a nós mesmos não primeiramente como negros ou brancos ou asiáticos ou latinos; não como gays ou héteros, imigrantes ou nativos; não como Democrata ou Republicano; mas como Americanos primeiros, unidos por uma crença comum.”⁵³

⁵⁰ Idem. Tradução livre da autora. No original: “We won! You lost! Get over it! F-you!”

⁵¹ Idem. Tradução livre da autora. No original: “5 Major Trump Stories You Lost in the ‘Hamilton’ Distraction”.

⁵² Tradução literal pela autora: Discurso do Estado da União. Mensagem anual dada pelo presidente dos Estados Unidos, exceto no seu primeiro ano de mandato, a uma sessão conjunta do Congresso, na qual o líder do executivo oferece um relatório sobre a economia e propõe pontos legislativos a serem considerados no próximo ano.

⁵³ Tradução livre da autora. No original: “Voices that help us see ourselves not first and foremost as black or white or Asian or Latino; not as gay or straight, immigrant or native born; not Democrat or Republican; but as Americans first, bound by a common creed.” Retirado de Mills, Doug. “Transcript of Obama State of the Union

Nesse sentido, é interessante destacar a imagem que a peça cria para o período de fundação dos Estados Unidos: mulheres vestidas de soldados, *people of color*⁵⁴ em grande maioria ocupando o palco e os pais fundadores da nação - inclusive os donos de escravos - representados por homens não-brancos. Os atores sobem ao palco para refundar a América, de acordo com a visão de Lin-Manuel Miranda. Apropriar-se de uma história tradicionalmente branca ao proclamá-la, acima de tudo, estadunidense.

Nesse sentido, “Hamilton - um musical americano” é uma produção atual sobre um período histórico, ou seja, trata sobre a memória coletiva ao re-interpretar em um palco publicamente os momentos de fundação dos Estados Unidos. Rufer (2010) aponta o *boom* da memória na sociedade atual, ou seja, o grande número de produções sociais e oficiais sobre o passado como forma de gerenciá-lo.

Essa grande explosão que começa nas décadas de 1950 e 1960 é revigorada pelos estudos sobre o Holocausto nos anos 80, quando é preciso manter viva a memória do evento, uma vez que as pessoas que o viveram estão começando a morrer. Cresce a necessidade de preservação de patrimônios e das memórias vinculadas a eles. Para o autor, a grande abundância desse tipo de produção pode levar a uma mercantilização nostálgica do passado e a um esvaziamento político ao invés de combater a despolitização pós-moderna.

De acordo com Koselleck (1993, apud RUFER, 2010), a incerteza em relação ao futuro leva a essa necessidade de preservar o passado sob a perspectiva do presente. Além disso, complementa Rufer, esse presente sem perspectiva de futuro se volta para atrás para projetar uma esperança de justiça e reparação do que foi feito no passado. Assim, George Washington, Pai Fundador dos Estados Unidos e dono de escravos, sobe ao palco interpretado por um ator negro em “Hamilton - um musical americano”. Em determinado momento do musical, ele pergunta a audiência “Quem vive? Quem morre? Quem conta a sua história?”⁵⁵. Ainda que ele esteja se referindo a Hamilton nesse determinado momento da peça, é possível estender esse questionamento a todos os personagens históricos presentes no palco e re-interpretados sob os olhos desse presente.

Address”, *New York Times*, 12 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2016/01/13/us/politics/obama-2016-sotu-transcript.html>>.

⁵⁴ Tradução literal pela autora: pessoas de cor. Termo comumente utilizado nos Estados Unidos como forma de descrever pessoas não-brancas em geral. O termo enfatiza a experiência comum de racismo institucionalizado sofrida por pessoas negras, asiáticas e latinas, entre outros grupos marginalizados.

⁵⁵ Tradução livre da autora. No original: “Who lives; Who dies; Who tells your story?” Trecho retirado da canção “Who Lives, Who Dies, Who Tells Your Story?” do musical “Hamilton - um musical americano”.

Por isso, Rufer propõe reconhecer que os usos sociais - e oficiais - dos passados de nações devem ser encarados como mais que distorções ou falsidades em relação a verdades históricas. Para o autor, é necessário que se veja essas produções como forma de memórias públicas na quais é possível identificar as lutas subjacentes sobre a interpretação do passado histórico. Em outras palavras, produções sociais sobre o passado histórico, como “Hamilton - um musical americano”, são capazes de revelar as tensões políticas atuais em torno das narrativas sobre o passado da nação.

Portanto, é necessário encarar os artistas não-brancos que representam os Pais Fundadores dos Estados Unidos como algo além de incorreto historicamente. A acuidade histórica de Hamilton não nos parece tão relevante quanto o contexto social que possibilitou essa reinterpretação do momento fundador da nação dos Estados Unidos: a administração Obama.

No entanto, Hillary Clinton, a candidata pelo partido Democrata a assumir a presidência após o fim dos mandatos de Obama e dar seguimento à visão de América dele - pelo menos, teoricamente - não foi eleita. Em 2016, Donald Trump foi escolhido como o próximo presidente dos Estados Unidos. O slogan de sua campanha “Faça a América Grande Novamente”⁵⁶ não se refere a mesma América de Obama ou do musical.

Como evidência da diferença de discurso entre Obama e Trump, é possível apontar as diversas controvérsias pelas quais Trump ficou conhecido durante sua campanha. Os assuntos que geraram polêmica foram suas opiniões sobre imigrantes, mulheres e pessoas de diferentes raças e etnias. Durante sua campanha e sua atual presidência, Donald Trump fez várias declarações preconceituosas, tendo, por exemplo, criticado jogadores - que eram em sua maioria negros - da *National Football League* pelo seus protestos contra violência policial e racismo. Trump pediu à Liga que todos os jogadores que se ajoelhassem durante o hino fossem suspensos, além de sugerir que talvez eles não deveriam nem mesmo estar no país.⁵⁷

Ainda em seu discurso de lançamento de campanha, em 2015, Trump já havia deixado claro o seu posicionamento anti-imigração. O então-presidenciável declarou durante o anúncio que os Estados Unidos haviam se tornado um lugar de despejo dos problemas de outros países. E que os imigrantes enviados pelo México eram pessoas com problemas e

⁵⁶ Tradução livre pela autora. No original: “Make America Great Again”.

⁵⁷ Informações retiradas de IANS, “Donald Trump asks National Football League to suspend anthem protesters”, *Financial Express*, 21 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.financialexpress.com/world-news/donald-trump-asks-national-football-league-to-suspend-anthem-protesters/1252877/>>.

drogas. “Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo crime. Eles são estupradores. E alguns, eu assumo, são boas pessoas.”⁵⁸

Em 2017, Lin-Manuel Miranda lançou um videoclipe intitulado “Imigrantes - Nós Damos Conta do Recado”⁵⁹. A música foi inspirada em uma fala do musical e lançada como parte do álbum *The Hamilton Mixtape* que continha músicas do álbum original do musical re-interpretadas por artistas contemporâneos de diversos gêneros musicais, além de algumas músicas inéditas. O videoclipe e a música são feitos por vários artistas de rap de diferentes descendências. Entre os artistas convidados estão Riz Ahmed, ator e cantor anglo-paquistanês, conhecido por sua atuação em *Rogue One*, filme da franquia *Star Wars*, e Residente, cantor e letrista da banda porto-riquenha Calle 13. A música tem uma letra forte que ressalta a contribuição dos imigrantes para o país e o péssimo tratamento dado a eles. “E é, é realmente surpreendente que em um país fundado por imigrantes; ‘Imigrante’ tenha de algum jeito se tornado uma palavra feia”⁶⁰, a música declara já logo no começo. A posição de Lin-Manuel Miranda, e da peça, portanto, sobre imigração também é bastante explícita.

No entanto, a campanha de Trump foi cheia de controvérsias não somente no quesito da imigração. Ele também ganhou notoriedade por suas opiniões e declarações a respeito de mulheres. O jornal *Los Angeles Times* publicou, em 9 de outubro de 2016, uma linha do tempo das controvérsias de Trump sobre mulheres.⁶¹ A reportagem lista 21 casos, começando em junho de 2015 e terminando no mesmo mês da publicação da matéria. Enquanto isso, as mulheres principais de “Hamilton - um musical americano” sobem ao palco e cantam “Consideramos essas verdades como evidentes por si mesmas; Que todos os homens são

⁵⁸ Tradução livre pela autora. No original: “They’re bringing drugs. They’re bringing crime. They’re rapists. And some, I assume, are good people.” Phillips, Amber, “‘They’re rapists.’ President Trump’s campaign launch speech two years later, annotated” *The Washington Post*, 16 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/06/16/theyre-rapists-presidents-trump-campaign-launch-speech-two-years-later-annotated/?utm_term=.faac39ba2c86>.

⁵⁹ Tradução livre pela autora. No original: “Immigrants (We Get The Job Done)”. Videoclipe, Youtube, publicado por “Hamilton: An American Musical”, 20 de junho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6_35a7sn6ds>.

⁶⁰ Tradução livre pela autora. No original: “And it’s, it’s really astonishing that in a country founded by immigrants; ‘Immigrants’ has somehow become a bad word”. Trecho retirado da canção “Immigrants (We Get The Job Done)” do álbum “The Hamilton Mixtape”.

⁶¹ Shalby, Colleen, “A brief history of the Trump campaign’s controversies with women”, *Los Angeles Times*, 09 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.latimes.com/politics/la-na-pol-trump-campaign-insults-women-20161009-snap-htmlstory.html>>

criados iguais; E quando eu conhecer Thomas Jefferson; Vou obrigá-lo a incluir as mulheres na sequência!”⁶².

A América de Obama está muito mais próxima da “América diversa” do discurso feito pelo elenco da peça. América diversa representada pelo elenco de várias etnias e mulheres atuando como soldados. América diversa de música hip-hop e blues, entre outras. América de imigrantes que se constroem em um novo país e constroem um novo país. É essa América que entra em conflito com a administração de Trump e seu vice-presidente: a América diversa.

⁶² Tradução livre pela autora. No original: “We hold these truths to be self-evident; That all men are created equal; And when I meet Thomas Jefferson; I’m ‘a compel him to include women in the sequel!”. Trecho retirado da canção “Schuyler Sisters” do musical “Hamilton - um musical americano”.

Hamilton de Lin-Manuel Miranda, Revolucionário?

*Deixe-me lhe dizer o que eu gostaria de ter sabido
Quando eu era jovem e sonhava com a glória
Você não tem controle*

*Quem vive, quem morre
Quem conta sua história*

*[...]
Mas lembre-se daqui para frente*

*A história está
de olho em você*

Lin-Manuel Miranda⁶³

A Declaração de Independência dos Estados Unidos, escrita em 1776, pretendia exatamente isso, declarar a independência das treze colônias da Coroa Britânica. No entanto, ao declarar a igualdade entre todos os homens e lhes garantir direitos inalienáveis, os rebeldes acabaram criando algo a mais: um ideal. No entanto, ele não viria a ser cumprido pelos próprios declarantes, nem mesmo por seus descendentes.

A ideia de liberdade presente na declaração de independência do país, influenciada por Algernon Sidney - teórico político inglês do século XVII que defendia a deposição de governos por parte de povos insatisfeitos -, além de John Locke (DRIVER, 2006). O documento garante o direito de buscar a felicidade e a segurança financeira, como defendido por Sidney. As leis, portanto, surgiriam para garantir a liberdade de seus subordinados.

O conceito de tábula rasa de Locke era de que todos os homens nasceriam como uma tela em branco que viria a ser pintada pela família e pela sociedade. Portanto, todos nasceriam iguais e as diferenças surgiriam como consequências de vantagens sociais. Essa perspectiva também aparece na Declaração, cujo texto foi redigido por Thomas Jefferson. Os princípios Iluministas propunham que as formas de governo não eram inquestionáveis sob a perspectiva da teoria do contrato social. Nesse sentido, o governo nasceria como uma forma de proteger o indivíduo e seus direitos na busca por suas aspirações.

⁶³ Tradução livre pela autora. No original: “Let me tell you what I wish I'd known; When I was young and dreamed of glory; You have no control; Who lives, who dies; Who tells your story; [...] But remember from here on in; History has its; Eyes on you”. Retirado da canção “History Has Its Eyes On You” do musical “Hamilton – um musical Americano”.

Mas quem assina essa Declaração? Os signatários eram representantes de uma elite do país que viria a nascer. Eles eram comprometidos como o serviço público, de variadas idades e em sua maioria eram ativos participantes da vida pública. Todos eram profissionais e proprietários da terra e, muitos, tinham uma escolaridade avançada (DRIVER, 2006) - Hamilton não estava entre eles.

“Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre eles estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade.”⁶⁴ Para quem é prometida essa igualdade? Todos os homens não incluía as mulheres, como levantado pela personagem Angélica em determinado momento da peça. E não somente elas deixaram de ser incluídas nessa liberdade. “Na sua origem, a nação Americana continha o paradoxo de donos de escravos pregando liberdade, um fato que assombra a nação até hoje.”⁶⁵ (GRANT, 2012, p. 105). Os ideais que basearam a separação com a Coroa não se aplicavam à população negra do continente. Os negros - mesmo os livres - tinham pouca representação no ideal republicano de ativismo civil, enquanto os direitos individuais tampouco eram garantidos para eles, em sua grande parte escravizados.

A retórica da época de defesa dos direitos individuais incluía o direito da propriedade, o que dava aval para garantir o direito de continuar a escravizar, uma vez que essas pessoas eram consideradas como parte da propriedade de seus donos. As semelhanças entre a monarquia da qual tentavam se separar e o próprio sistema de escravidão não eram discutidas (GRANT, 2012).

O objetivo da Declaração era defender a decisão de se separar da Coroa, mas ao estabelecer esses princípios de liberdade e igualdade como verdades auto-evidentes, os Pais Fundadores acabaram criando um ideal que serviria como fonte de inspiração para futuras gerações que continuariam expandindo o seu significado e buscando colocá-lo em prática. 239 anos depois da redação desse documento, Lin-Manuel Miranda faz subir ao palco atores - todos *people of color* - para reinterpretar os homens que assinaram esse documentos e cuja história ficou consagrada como a história da Revolução.

⁶⁴ Trecho extraído da Constituição dos Estados Unidos da América. Referência e tradução do texto original: DRIVER, 2006.

⁶⁵ Tradução livre pela autora. “No original: At its inception, the American nation encapsulated the paradox of slaveholders preaching liberty, a fact that haunts the nation to this day.”

A peça de Lin-Manuel Miranda foi bastante admirada - tanto pela sociedade em geral quanto por historiadores. Por exemplo, em um artigo publicado em uma revista online da AHA - Associação de Historiadores Americanos - Bergen (2015), historiadora por formação, utiliza-se de partes da peça para ressaltar como ela pode ensinar a pensar de maneira histórica. Assim, ela chama atenção sobre as referências da peça aos momentos que não são contados pela História, questionando quem a conta e quem não tem essa oportunidade. Ademais, ela referencia a cena de Elizabeth Schuyler queimando suas cartas e declarando “Estou me apagando da narrativa; Deixe os futuros historiadores se perguntarem como Eliza; Reagiu quando você partiu o coração dela”⁶⁶. Ao mesmo tempo, a peça reforça que a vida de Hamilton e seus documentos chegaram a nós por esforço de Eliza.

Bergen cita vários momentos da peça que ilustram a questão das escolhas de quem conta a história e de como ela chega para nós. Além disso, para a autora, a peça também demonstraria como a visão de certos personagens e momentos podem ser alterados de forma marcante dependendo do narrador. Ela exemplifica ao ressaltar o retrato de Thomas Jefferson pintado pela peça, normalmente representado como um grande homem respeitável. Enquanto sob o olhar do Hamilton de Lin-Manuel Miranda, ele aparece como “pomposo, convencido e um pouco valentão.”⁶⁷

Não apenas as fontes históricas são questionadas pelo musical, ainda sob a perspectiva de Bergen. Outro mérito da interpretação fornecida por “Hamilton - um musical americano” seria seu jogo com o conceito de acuidade histórica. Ao utilizar um elenco racialmente diversificado, a peça reforça que a precisão dos fatos históricos não é única forma de tornar uma narrativa sobre o passado poderosa. Para ela, esse posicionamento feito pelo musical é uma insistência de que a história sendo narrada no palco também pertence a eles, *people of color*, mesmo que não o fizesse na época em que se passou. A historiadora conclui o texto com as seguintes palavras: “Ao invés disso, Hamilton empodera sua audiência para pensar criticamente sobre as histórias que somos contados, para engajar ativamente com a confusão do passado, e para fazer dele nosso.”⁶⁸ (BERGEN, 2015).

⁶⁶ Tradução livre pela autora. No original: “I’m erasing myself from the narrative; Let future historians wonder how Eliza; Reacted when you broke her heart”. Trecho retirado da canção “Burn” de “Hamilton - um musical americano”.

⁶⁷ Tradução livre pela autora. No original: “[...] pompous, cocky and a bit of a bully.”

⁶⁸ Tradução livre pela autora. No original: “Instead, Hamilton empowers its audience to think critically about the stories we are told, to engage actively with the messiness of the past, and to make it our own.”

Assim, o musical virou fonte de discussão pública entre historiadores dos Estados Unidos. A matéria de Schuessler⁶⁹, publicada em 10 de abril de 2016, aponta os debates ocasionados pelas escolhas da peça entre profissionais da história. Os pontos de questionamento incluem discutir a escolha pela re-interpretação de Alexander Hamilton no momento político atual dos Estados Unidos. Afinal de contas, Hamilton era um elitista e defensor dos grandes bancos. Talvez seus princípios não fossem tão parecidos com os valores progressistas de hoje em dia, como a peça faz parecer. A interpretação de Lin-Manuel Miranda sobre esse Pai Fundador estaria passando por cima de muitas questões sobre ele que poderiam ser problematizadas a partir de um olhar atual.

Uma das historiadoras entrevistadas, Annette Gordon-Reed aponta como um dos maiores problemas a falta de críticas sérias sobre a peça. Enquanto outras obras que focam nos Pais Fundadores receberam resenhas duras e enfáticas por parte da comunidade de estudiosos, “Hamilton - um musical americano” parece ter passado mais ou menos imune, aponta a matéria de Schussler. Gordon-Reed questiona como a peça seria sentida pela audiência se os atores e atrizes fossem todos brancos.

A crítica mais vocal sobre a peça e suas escolhas de elenco veio por parte de Lyra D. Monteiro, cujos estudos focam em raça e etnicidade e no início da história dos Estados Unidos⁷⁰. Para ela, a peça seria mais uma manifestação do *Founders Chic*. Em 2003, H. W. Brands, educador e historiador, publicou em *The Atlantic* uma peça sobre o conceito⁷¹. Ele explica que a reverência concedida aos Pais Fundadores da nação estadunidense não foi imediata nem contínua. O autor destaca o aspecto irregular do interesse público nas vidas dos homens considerados criadores do Estado e da nação.

Durante os seus anos de vida, os Pais Fundadores eram tratados e criticados como homens comuns por seus contemporâneos - até mesmo Washington, que chegou mais perto da apoteose. As críticas duras aos governantes, frequentemente acusados de corrupção e autoritarismo, representa para um autor uma falta de reverência ou característica divina que em outros momentos foram destinados a esses personagens históricos.

⁶⁹ Schuessler, Jennifer. “‘Hamilton’ and History: Are They in Sync?”, 10 de abril de 2016, *New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/04/11/theater/hamilton-and-history-are-they-in-sync.html>>.

⁷⁰ Informações retiradas de: <<https://sasn.rutgers.edu/about-us/faculty-staff/lyra-d-monteiro>>.

⁷¹ Brands, H. W. “Founders Chic: Our reverence for the Fathers has gotten out of hand”. *The Atlantic*, Setembro de 2003. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2003/09/founders-chic/302773/>>.

Se o respeito pelo seu papel na criação da nação aumentou ao longo das primeiras gerações, o fato da escravidão ter continuado ameaçava a reputação dos Pais Fundadores. Para as gerações seguintes, a falha dos primeiros políticos estadunidenses a lidar com a clara contradição entre os princípios da Declaração de Independência - liberdade a todos os homens - e os da Constituição - que baniu discussão sobre o fim da escravidão até certo ano - veio a criar um conflito político tão intenso que levou a uma Guerra Civil. Assim, os Estados Unidos embarcaram em uma Guerra de Secessão entre os estados do Norte e os do Sul de forma a resolver um grande problema herdado pelos Pais Fundadores: os negros estavam incluídos nos homens que nasceram livres?

Para Brands, no entanto, a própria guerra viria a criar o mito dos Grandes Homens Fundadores da nação. A época da Revolução viria a servir como fonte de inspiração de uma época de união, apesar das diferenças, como forma de inspirar a reconciliação entre os cidadãos que haviam acabado de sair de uma guerra civil. E, assim, os Pais Fundadores se tornaram grandes exemplos de cidadãos estadunidenses e figuras a serem reverenciadas.

Brands continua o texto demonstrando as flutuações entre o respeito e a crítica aos Pais Fundadores, associando aquele à épocas de guerras e conflitos que necessitavam uma união nacional e essa a tempos de expansão de direitos e políticas progressistas. Ao falar dos tempos atuais, o historiador aponta a reação anti-liberal começada na época de Ronald Reagan como a causa da atual restauração das reputações dos Pais Fundadores e do grande interesse nessas figuras, o que levaria ao grande número de publicações a respeito deles.

Lyra D. Monteiro (2016a) não é a única a apontar a ligação entre *Founders Chic* e “Hamilton - um musical americano”. Ken Owen⁷² se refere à produção musical como a “apoteose” do fenômeno. Ele critica duramente essa visão de história que foca em certos homens para contar a história de toda uma época o que “[...] significou que histórias populares exageraram a importância de indivíduos, às custas de entender a contribuição de Americanos menos celebrados ou o papel de processos sociais e históricos mais amplos.”⁷³

Enquanto o resto da análise de Ken Owen se dedica aos problemas criados pela perspectiva do musical sobre as políticas de Hamilton e os esquecimentos da narrativa sobre

⁷² Owen, Ken. “Historians and Hamilton: Founders Chic and the Cult of Personality”. *The Junto*, 21 de abril de 2016. Disponível em: <https://earlyamericanists.com/2016/04/21/historians-and-hamilton-founders-chic-and-the-cult-of-personality/>.

⁷³ Tradução livre pela autora. No original: “[...] meant that popular histories exaggerated the importance of individuals, at the expense of understanding the contribution of less-celebrated Americans or the role of broader societal and historical processes.”, *ibid*.

seus aspectos mais problemáticos e a impopularidade de seus planos de governo, Lyra D. Monteiro (2016a) foca na questão racial do elenco da peça. A autora defende que, apesar da presença do elenco multirracial, a peça ainda insiste em contar uma história feita por “grandes homens brancos” e minimizar a contribuição de *people of color* no processo da Revolução estadunidense contra a Coroa Britânica, ecoando a crítica de Owen.

Monteiro não está preocupada com a acuidade histórica da peça, inclusive destacando o cuidado do roteiro com a representação dos eventos históricos e a decisão de manter Ron Chernow como consultor histórico. As mudanças feitas por motivos de efeito e dramatização da narrativa da vida de Alexander Hamilton parecem servir seu propósito. Além disso, continua a autora, a utilização de documentos históricos reais, inclusive com trechos cantados, dão mais base para a peça. Nesse sentido, a autora invoca os pontos defendidos por Bergen (2015) para defender o musical como fonte de reflexão histórica. Monteiro também destaca a questão constantemente presente nas músicas do “Hamilton - um musical americano”: a formação da memória histórica. Ela, inclusive, destaca a mesma cena de Eliza queimando suas cartas e se apagando da narrativa.

No entanto, é somente até aí que os textos de Monteiro e Bergen convergem. Enquanto a segunda acaba sua análise nesses pontos, concluindo seus argumentos, a primeira autora destaca as falhas da peça em trabalhar com questões extremamente importantes para a época: raça e escravidão. O argumento de Monteiro é que a escolha de colocar *people of color* como os personagens principais da narrativa não foi uma decisão apesar da raça deles, mas por causa dela. Como evidência, ela aponta a escolha do Rei George III, sempre representado por atores brancos e com sua música “branca” - Pop Britânico dos anos 60, como explica a autora. Por outro lado, os revolucionários - que cantam R&B e rap - são todos interpretados por atores negros ou latinos.

Além disso, ela destaca o contraste das irmãs Schuyler: Eliza e Angelica. Enquanto Eliza - que canta em ritmos mais tradicionais da Broadway - pode ser lida como branca, apesar de sua ascendência chino-americana, Angelica tem suas músicas dentro do gênero do rap e R&B, e é interpretada por uma mulher negra. Monteiro continua defendendo que a escolha de atores foi influenciada por suas etnias ao destacar que Alexander Hamilton havia sido interpretado por dois atores Porto Riquenhos, incluindo Lin-Manuel Miranda. Assim, para a autora, a origem caribenha de Hamilton é destacada no palco em contraste com os outros Pais Fundadores representados por homens negros.

Monteiro defende que essas escolhas de elenco acabam tendo duas consequências: o esquecimento de que a revolução foi feita também por *people of color* e que a peça falha em trazer qualquer personagem originalmente *of color* para o palco, ou seja, não há nenhum personagem representado na peça que não tenha sido homem ou mulher branca. Além disso, a autora reforça o apagamento dos corpos escravizados durante todos os atos. Fora uma breve passagem, na qual uma das mulheres que compõem o ensemble se torna uma representante de Sally Hemmings⁷⁴, não aparecem pessoas escravizadas no palco, apesar da abundância de negros escravizados da época.

As menções à escravidão feitas pelas letras da música aparecem em sua maioria como forma de estabelecer a bondade e/ou superioridade de Hamilton em relação a outros Pais Fundadores, como Jefferson. Durante um debate entre os dois personagens, por exemplo, Hamilton rebate os pontos de Thomas Jefferson acusando ele e o Sul do país de se utilizarem de mão de obra escrava para pagar as dívidas de seus estados. “Uma lição de cívica de um escravizador, ei vizinho; Suas dívidas estão pagas porque você não paga pelo trabalho; ‘Nós plantamos sementes no Sul. Nós criamos.’ É, continue vociferando; Nós sabemos quem é que está realmente plantando.”⁷⁵ Lyra D. Monteiro (2016a), no entanto, destaca a proporção de negros em Nova York: 19%, a maioria escravizados. Assim, ao apontar o dedo para o Sul, a peça parece isentar Nova York e o próprio Hamilton. Monteiro defende que a presença de corpos escravizados em cena era possível e provável devido a presença deles em 1 de 5 domicílios da cidade.

A própria questão da superioridade de Alexander Hamilton sobre os outros Pais Fundadores pode ser colocada em xeque. A peça de Lin-Manuel Miranda e, portanto, a representação de Alexander são altamente influenciadas pela biografia de Ron Chernow (2004). Durante o livro, o historiador reitera as tendências abolicionistas de Hamilton, dando como possível causa a exposição dele durante sua infância à escravidão. Sua mãe chegou a possuir cinco pessoas escravizadas - as quais alugava para complementar a renda - e Hamilton teve contato próximo com as crianças nascidas das pessoas escravizadas que habitavam sua casa. Devido ao grande número de pessoas escravizadas presentes nas ilhas Caribenhas e o

⁷⁴ Mulher escravizada conhecida por ter sido amante de Thomas Jefferson (MONTEIRO, 2016a). Durante uma referência durante certa música a esse relacionamento uma mulher parte do ensemble toma o papel de Sally para si brevemente, logo voltando ao seu papel anterior.

⁷⁵ Tradução livre pela autora. No original: “A civics lesson from a slaver, hey neighbor; Your debts are paid 'cause you don't pay for labor; ‘We plant seeds in the South. We create.’ Yeah, keep ranting; We know who's really doing the planting”. Trecho retirado da canção “Cabinet Battle #1” do musical “Hamilton - um musical americano”.

grande comércio de corpos negros que passava por ali, as grandes injustiças e divisões raciais, que eram acompanhadas por punições severas, ficavam bastante evidentes.

Chernow exemplifica as tendências anti-abolicionistas de Alexander Hamilton com seu apoio ao esforço de seu amigo John Laurens de criar um batalhão de negros escravizados que seriam libertados por seus serviços. O autor cita trechos da carta no qual Hamilton contesta argumentos da inferioridade intelectual “natural” de negros como soldados e adiciona que sua tendência a subserviência seria uma vantagem ao torná-los parte de um exército por acatarem ordens mais facilmente que homens brancos. No entanto, a visão de Chernow sobre as políticas de Alexander não são unânimes.

Gordon-Reed (2016) apresenta as dúvidas sobre a posição de Hamilton como abolicionista convicto. A autora levanta alguns pontos a serem questionados. O primeiro deles, a sua participação na *Manumission Society*⁷⁶- que era anti-escravidão, mas de maneira conservadora, não o tornaria um grande defensor de políticas abolicionistas. Ela admite que ele era melhor que outros Pais Fundadores, mas destaca que existem evidências de que ele chegou a possuir algumas pessoas escravizadas, assim como comprou e vendeu por outras pessoas.

Os documentos que poderiam comprovar a posse de pessoas escravizadas por parte de Alexander Hamilton e sua família tem o significado contestado por Chernow (2004). O autor começa destacando que o casamento de Hamilton com Elizabeth Schuyler teria trazido complicações em relação a sua posição política anti-abolicionista porque a família de sua esposa era dona de uma grande quantidade de pessoas escravizadas. Chernow defende que Eliza era também contra a escravidão, o que complica a situação, uma vez que era ela quem mais ajudava sua mãe com a organização doméstica, de acordo com relatos da época. O autor logo menciona três documentos que apontam que Hamilton “[...] e Eliza *podem* ter sido donos de um ou dois escravos doméstico também.” (CHERNOW, 2004, p. 210, grifo do autor)⁷⁷.

Chernow contesta a interpretação dos documentos, utilizando argumentos de outro biógrafo de Hamilton, Forrest McDonald, que declarou que a quantia não poderia ser suficiente para a compra de uma pessoa escravizada. As outras duas referências à negociações de pessoas, Chernow destaca a possibilidade de Hamilton tê-las feito como intermediário de

⁷⁶ Tradução livre pela autora: Sociedade pela Manumissão. Criada em 1785, por Hamilton e John Jay entre outros. Um dos primeiros objetivos da organização era protestar contra o sequestro de negros livres no Norte e sua venda em outras partes do país, como escravos. Além disso, fizeram campanha pela abolição gradual de pessoas escravizadas. Também forneciam apoio legal para negros livres e escravizados.

⁷⁷ Tradução livre pela autora. No original: “[...] and Eliza *may* have owned one or two household slaves as well”.

seu genro John B. Church, marido de Angelica Schuyler. Além disso, o autor aponta para um comentário de Angelica em 1804 sobre a falta de pessoas escravizadas que poderiam ajudar sua irmã, Elizabeth Hamilton com a preparação de uma festa. Lyra D. Monteiro admite em seu texto que ele pode realmente não ter sido dono de pessoas escravizadas, apesar da autora destacar o seu envolvimento em transações financeiras envolvendo escravidão.

Independentemente da real opinião de Hamilton, a questão em ponto é o posicionamento e a representação da questão durante a peça. Lin-Manuel Miranda em uma entrevista menciona a existência da música “Cabinet Battle #3”⁷⁸. A letra é forte, incluindo a falta de respostas dos dois lados: Jefferson e Hamilton. “Essa é a mancha na nossa alma e democracia. Uma terra dos livres? Não, não é, é hipocrisia; Subjugar, desumanizar uma raça, chamá-los de propriedade; E dizer que nós somos impotentes para acabar com isso, vocês não podem prever?”⁷⁹ Hamilton pergunta aos ouvintes durante a batalha de rap. No entanto, ele tampouco tem uma resposta para a situação e a reunião se conclui com o acordo de esperar até 1808 para banir a importação de pessoas escravizadas e não discutir o assunto até o ano que havia sido combinado previamente.

A música só foi lançada como parte da “The Hamilton Mixtape” e o escritor explica em uma entrevista para a *Entertainment Weekly* que, apesar de ter sido escrita originalmente como parte do musical, ela foi cortada. A justificativa estava no fato de os homens representados pela peça não haviam feito nada sobre a questão da escravidão. Portanto, seis minutos de música sobre uma discussão que nunca foi resolvida não faria sentido para o escritor. Lin-Manuel Miranda continua: “[...] você olha para todos esse personagens humanos, com defeitos, e eles não fizeram nada. Nada realmente aconteceu com a escravidão até a Guerra Civil cem anos depois.”⁸⁰

Para Allen (2016) as críticas de Monteiro ao elenco são válidas e ele ainda acrescenta a questão do mito fundador dos Estados Unidos. Para que o mito que em teoria deveria

⁷⁸ A música faz parte do álbum “The Hamilton Mixtape” e é um demo cantado por Lin-Manuel Miranda de uma canção que foi escrita para a peça, mas cortada posteriormente. Durante o segundo ato da peça, Hamilton e Jefferson se enfrentam em duas batalhas de rap que representariam as discussões dentro do pequeno governo de George Washington. A terceira, portanto, foi cortada da peça.

⁷⁹ Tradução livre pela autora. No original: “This is the stain on our soul and democracy; A land of the free? No, it's not, it's hypocrisy; To subjugate, dehumanize a race, call 'em property; And say that we are powerless to stop it, can you not foresee?”. Trecho retirado da canção “Cabinet Battle #3” do álbum “The Hamilton Mixtape”.

⁸⁰ Tradução livre pela autora. No original: “[...] you look at all these flawed, human characters, and they didn't do anything. Nothing really happened on slavery until the Civil War a hundred years later.” Trecho retirado da entrevista de Lin-Manuel Miranda para *Entertainment Weekly*. Disponível em: <https://ew.com/music/2016/11/30/hamilton-mixtape-lin-manuel-miranda-songs/>.

unificar todos os que hoje - e naquela época - conviviam na nação funcione, é preciso que as partes oprimidas da sociedade esqueçam da violência, da escravidão, da desigualdade e do genocídio que ajudaram a fundar a nação. A opção de se reinterpretar através da narrativa branca apaga a memória de *people of color*. Para o autor, “Hamilton - um musical americano” é um sucesso dessa proposta de reinterpretação, “É um produto de uma narrativa cultural Americana branca disfarçado como uma narrativa unificadora que não vê diferença entre cores e que reafirma um suposto mito de origem compartilhado”⁸¹.

Nesse mesmo sentido, Monteiro (2016a) questiona a validade de *people of color* se sentirem incluídos na narrativa clássica de fundação da nação estadunidense. Ela referencia uma entrevista por Leslie Odom Jr. - que faz o papel de Aaron Burr no elenco original da Broadway - durante a qual ele diz que fazer parte do show fez com que se sentisse, pela primeira vez, incluído nessa história, tornando a Revolução de Independência dos Estados Unidos dele também. Monteiro pergunta ao leitor se é realmente bom que essa apropriação por parte de *people of color* aconteça em relação a um passado de homens brancos escravagistas. O elenco diverso de Hamilton, para Allen (2016), poderia minimizar as histórias e memórias dos ancestrais de *people of color*, contando com sua complacência inadvertida.

Assim, Monteiro (2016a) critica a visão de que “Hamilton - um musical americano” é de alguma forma uma versão da América em sua época de fundação feita pela América de agora. Primeiramente, a historiadora reforça que *people of color* estavam presentes e participaram do momento de fundação do país. Além disso, a ideia apresentada por Chernow, entre outros, de que a peça de Hamilton é a “América de Obama” é contestada por Monteiro.

Em um texto respondendo às diversas críticas e respostas ao seu texto original, Monteiro reforça o seu ponto de vista (2016b). Ainda que ela veja o potencial crítico de homens brancos escravagistas serem interpretados por homens negros - o que os deixaria, no mínimo, irritados -, a autora defende que as desigualdades raciais ainda presentes nos dias de hoje não permitem que essa subversão seja bem-sucedida. Ela reforça que não está criticando o musical como se fosse um livro de história e, sim, como um produto cultural sobre o passado. A historiadora se identifica como uma estudiosa das políticas do passado, “Eu estudo

⁸¹ Tradução livre pela autora. No original: “It is a product of a white American cultural narrative disguised as a unifying color-blind narrative that reaffirms a supposedly shared origin myth.” Allen, Jason. “A Color-blind Stockholm Syndrome”. History@Work, 9 de março de 2016. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/a-color-blind-stockholm-syndrome/>>.

o porquê nós contamos quais histórias sobre o passado, em que contextos e o que essas histórias significam.”⁸² Assim, ela defende que a subversão presente em “Hamilton - um musical americano” não é suficiente para contestar a narrativa dominante, a de que existiram os grandes homens da fundação do país e de que o seu envolvimento com a escravidão pode ser perdoado devido aos seus grandes atos.

Por outro lado, Noonan⁸³ também reforça que o elenco de Hamilton foi uma escolha consciente, mas com outro ponto de vista. Ela aponta para uma das primeiras chamadas de elenco por Lin-Manuel Miranda, no qual ele já teria especificado *people of color* para os papéis principais como indício da intenção prévia do escritor em suas escolhas de elenco. A autora continua enfatizando as falhas de caráter mostradas pela peça e presente em todos os Pais Fundadores, exceto George Washington. Sobre a questão da escravidão, Noonan aponta para a existência da “Cabinet Battle #3” como uma escolha narrativa - com consequências ideológicas, certamente. Para ela, Lin-Manuel Miranda, ao lançar a canção no álbum “The Hamilton Mixtape” reconhece o poder de seu estilo de música e a necessidade dessa canção ser publicada.

Para Noonan, o extremo sucesso do show e o grande alcance de audiência que conquistou através do lançamento do álbum para aqueles que não puderem ver a peça é uma fonte de otimismo. Lin-Manuel Miranda se propôs a contar uma história sobre a vida de Alexander Hamilton, sua jornada desde uma infância empobrecida, sua ascensão política e social até a sua morte pelas mãos de um de seus muitos rivais políticos. A narrativa não é somente sobre os Pais Fundadores, mas, também, sobre imigrantes. E, por isso, o grande sucesso e impacto da obra de Lin-Manuel Miranda pode ter aberto as portas para outras produções, que poderão ter a oportunidade de contar histórias sobre *people of color* de formas não-tradicionais.

⁸² Tradução livre pela autora. No original: “I study why we tell which stories about the past, in what contexts, and what those stories mean.” Monteiro, Lyra D. “It’s not ‘just a musical’”, 10 de junho de 2016, History@Work. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/its-not-just-a-musical/>>.

⁸³ Noonan, Ellen. “Who tells your story?”. History@Work, 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/who-tells-your-story/>>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Legado, o que é um legado?
É plantar sementes em um jardim que você nunca chega a ver*

Lin-Manuel Miranda⁸⁴

O impacto de “Hamilton - um musical americano” na sociedade atual dos Estados Unidos talvez possa ser representado pelo caso da nota de 10 dólares estadunidenses. Em 2016, o então Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Jacob J. Lew, voltou atrás na sua decisão de retirar, o primeiro Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Alexander Hamilton, da nota de 10 dólares.

A troca da nota já havia sido prometida por Lew em julho de 2015, quando anunciou que a face de Hamilton seria substituída por uma mulher pela primeira vez desde 1886. No entanto, uma reportagem do *New York Times* aponta a súbita popularidade da figura de Hamilton como a razão para a mudança de planos⁸⁵. Outra reportagem, da revista *Fortune*, publicada quase dez dias depois da primeira, aponta para a solução dada pelo Secretário: manter Hamilton na nota de dez dólares e substituir Andrew Jackson por Harriet Tubman, mulher negra, que lutou ao lado da União e defendia o fim da escravidão⁸⁶.

Para o autor da segunda reportagem, Montgomery, a troca de Jackson e não de Hamilton é um grande ganho. Primeiramente, por causa das grandes contribuições de Alexander para o sistema financeiro atual dos Estados Unidos que haviam sido negligenciadas até o momento. Em segundo lugar, Montgomery aponta as vozes de pessoas que viram o musical e não gostariam de ver o Pai Fundador sair da nota. É interessante notar que a versão de Alexander Hamilton passada pela peça ecoa nesse artigo de opinião sobre a troca. Andrew Jackson e Martha Washington são apontados em suas contradições. O primeiro, dono de escravos e assassino de indígenas e a segunda, dona de escravos que não os quis libertar

⁸⁴ Tradução livre pela autora. No original: “Legacy, what is a legacy?; It’s planting seeds in a garden you never get to see”. Trecho retirado da canção “The World Was Wide Enough” do musical “Hamilton - um musical americano”.

⁸⁵ Calmes, Jackie, “Success of ‘Hamilton’ May Have Saved Hamilton on the \$10 Bill”. *New York Times*, 15 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/04/16/us/politics/success-of-hamilton-may-have-saved-hamilton-on-the-10-bill.html>>.

⁸⁶ Montgomery, Scott L. “What Really Kept Alexander Hamilton on the \$10 Bill”, 24 de abril de 2016, *Fortune*. Disponível em: <<http://fortune.com/2016/04/24/alexander-hamilton-harriet-tubman/>>.

mesmo após sua morte. Por outro lado, Hamilton é o pai fundador que ficaria orgulhoso de dividir sua cédula com representações das marchas de mulheres por seu direito ao voto.

Que Hamilton tenha se tornado uma figura tão popular é devido em grande parte, primeiramente à peça de Lin-Manuel Miranda, mas também ao olhar de Ron Chernow sobre esse personagem histórico. Alexander Hamilton, anteriormente conhecido por suas tendências monárquicas e elitistas, é agora símbolo de um imigrante esforçado que captura a essência do Sonho Americano e figura política que pode ser - e foi - utilizada para interferir em discussões políticas da sociedade de 2016, como no caso da eleição de Hillary Clinton.

A popularidade desse Hamilton de Lin-Manuel Miranda, no entanto, foi fonte de discussão para a comunidade de historiadores públicos. Enquanto alguns entendem o musical como forma de apropriação de um passado histórico que é revisitado e revisto pela sociedade atual, outros, como Monteiro, apontam o perigo das escolhas narrativas de Miranda na questão da figura de Hamilton e na representação do período e época representados.

A discussão, no entanto, não se deu somente no âmbito dos historiadores. James McMaster²⁰¹⁶⁸⁷, bacharel em teatro, aponta três viés a partir dos quais é possível questionar o caráter revolucionário da peça de Lin-Manuel Miranda. Um dos pontos levantados é a questão racial já tão bem debatida pelo texto de Monteiro no capítulo anterior: a presença de homens *of color* como Pais Fundadores, que serve para apagar e silenciar a violência e a desigualdade racial da época.

Outro ponto levantado por McMaster é a questão do feminismo. Ainda que Angelica Schuyler tenha a famosa frase criticando “Senso Comum” de Thomas Paine e a Constituição dos Estados Unidos por não terem incluído as mulheres na discussão, todas as músicas de mulheres são em relação a Alexander Hamilton. As mulheres da vida de Hamilton passam pouco tempo em palco e quando aparecem discutem seus sentimentos por Hamilton e suas ações em relação a ele.

Em uma postagem no blog *The Whole Cat*, Cat Scheer aponta as discussões sobre o Teste Bechdel e “Hamilton - um musical americano”⁸⁸. O teste, utilizado como forma de avaliar o potencial feminista de produções de teatro, literatura e televisão em geral, funciona da seguinte forma: para passar, a produção precisa ter uma cena na qual duas mulheres, com

⁸⁷ McMaster, James, “Why Hamilton is Not the Revolution You Think it is”, Howl Around, 23 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://howlround.com/why-hamilton-not-revolution-you-think-it/>>.

⁸⁸ Scheer, Cat, “Hamilton and The Bechdel Test”, The Whole Cat, 24 de julho de 2016. Disponível em: <<https://thewholecat.wordpress.com/2016/07/24/hamilton-and-the-bechdel-test/>>.

falas e nomes, - ou mais - interajam entre si sobre qualquer outro assunto que não seja um homem. Se a peça de Lin-Manuel Miranda passa ou não, é um ponto a ser discutido - afinal, em “Schuyler Sisters” as irmãs Angelica, Eliza e Peggy, discutem brevemente o contexto político da época. Mas para Scheer, o fato de que é necessário procurar e debater se esse trecho é suficiente para o teste é uma comprovação da falha da peça em dar protagonismo para suas personagens femininas.

Angelica Schuyler, cujo intelecto é destacado pela peça e por Ron Chernow, fica sujeita a cantar seus sentimentos românticos por Alexander Hamilton e seus arrependimentos por não o ter escolhido para si quando teve a chance, na bonita canção “Satisfied”. Eliza Hamilton, que tem mais de um solo, ganha protagonismo por sua escolha de se retirar da narrativa na canção “Burn”. Além disso, a esposa de Hamilton também é evidenciada como a grande responsável pela proteção e guarda dos documentos produzidos por seu marido. Ou seja, nos dois casos, as ações de Eliza são por causa de Hamilton.

O terceiro ponto levantado por Montgomery que apontaria a questionabilidade da revolução de “Hamilton - um musical americano” seria a narrativa do imigrante. Um dos pontos centrais da narrativa de Lin-Manuel Miranda sobre Hamilton, o Pai Fundador é apresentado a audiência como um imigrante empobrecido que chega ao continente e é bem-sucedido “Por trabalhar muito mais; Por ser bem mais esperto; Por ter iniciativa própria”⁸⁹. Essa narrativa do imigrante é prejudicial, de acordo com o autor, uma vez que implica que os imigrantes que não tiveram sucesso, não o fizeram por falta de inteligência e/ou esforço.

Assim, a postagem de Montgomery vai ao encontro do argumento de Monteiro (2016a), de que “Hamilton - um musical americano” falha em representar criticamente a América do passado. Por outro lado, Noonan⁹⁰ no começo de seu artigo, levanta um ponto relevante: de que o musical realmente não é revolucionário, mas, sim, liberal. A autora aponta que a reutilização e reuso de antigas histórias também tem o seu potencial como catalisador de mudanças. Ademais, a *Broadway* como um centro de expressão de artes que é imensamente ditado pelo lucro não é um lugar para exposição de peças realmente radicais, mas apenas

⁸⁹ Tradução livre pela autora. No original: “[...] By working a lot harder; By being a lot smarter; By being a self-starter”. Trecho retirado da canção “Alexander Hamilton” do musical “Hamilton - um musical americano”. Original: “[...] by working a lot harder; By being a lot smarter; By being a self-starter”. Trecho retirado da canção “Alexander Hamilton” do musical “Hamilton - um musical americano”.

⁹⁰ Noonan, Ellen. “Who tells your story?”. *History@Work*, 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/who-tells-your-story/>>.

diferenciadas. Para ela, a obra de Lin-Manuel Miranda é uma representação das mudanças ocorridas na ideologia política *mainstream* - que muda de maneira lenta e não radical.

Nesse sentido, é possível pensar que “Hamilton - um musical americano” reflete, de certa forma, a América de Obama. Não porque isso o torne revolucionário ou diferente do discurso *mainstream*, mas porque ele é parte desse discurso e dessa história tradicional - apenas re-inventado em certos aspectos. A América de Obama - que não necessariamente representa ou inclui todos os habitantes dos Estados Unidos da América - não é revolucionária ou extremamente diferente das que haviam sido antes. Obama não chegou a presidência com um discurso revolucionário no qual quebrava os mitos de fundação dos Estados Unidos e apontava as falhas dos Pais Fundadores, destacando seus papéis como escravagistas e donos de terras roubadas.

Pelo contrário, durante sua estada na Casa Branca, Barack Obama e Michelle Obama se utilizaram justamente do discurso de igualdade e liberdade dos Pais Fundadores como forma de justificar seus posicionamentos e políticas. Como visto no segundo capítulo, o discurso deles descreve uma América em formação, em constante mudança, que tenta atingir os ideais propostos pela Declaração de Independência e os “grandes homens” que participaram do processo de sua criação. As palavras presentes no documento são apenas reinterpretados por essa nova geração, um homem - e uma mulher - negros que agora comandam a Casa Branca, antes habitada por donos de pessoas escravizadas que escreviam sobre liberdade, sem libertar as pessoas que oprimiam através da escravidão.

No entanto, o discurso de Obama de busca pela liberdade e igualdade tampouco corresponde à realidade de sua época, como já apontado por Monteiro e os outros críticos da “revolução” de “Hamilton - um musical americano”. A América da administração de Obama ainda lida com a questão da raça. Foi durante os mandatos do primeiro presidente negro dos Estados Unidos que surgiu o movimento *Black Lives Matter*, criado como forma de evidenciar, questionar e combater o grande número de mortes de pessoas negras por policiais.

As ações policiais da América de Obama mata, proporcionalmente, muito mais negros do que brancos e latinos. Apesar de serem apenas 13% da população estadunidense, negros somam 31% das mortes pelas mãos de policiais em seu país. E daqueles que são mortos sem

estarem atacando 39%, atrás apenas dos brancos - que somam 63% da população do país. A América de Obama tampouco resolveu o racismo⁹¹.

A Obama de América apresenta diferenças de salário entre homens e mulheres de todas as raças. Mulheres *of color* ganham ainda menos que as brancas, com a diferença de salário delas crescendo em relação a homens brancos. A exceção são as mulheres de ascendência asiática que são as que chegam mais perto dos homens brancos, apesar da grande diferença em relação a homens de sua mesma etnia - que, em geral, ganham mais que os homens brancos⁹².

Em outras palavras, “Hamilton - um musical americano” pode ser considerado uma interpretação da Obama de América sobre a época da fundação dos Estados Unidos e seu mito de origem, apesar de todas as suas falhas em revolucionar a história e o mito do nascimento do país. Afinal, a Obama de América que se alimenta desse discurso de oportunidade, igualdade e liberdade não conseguiu - ou nem tentou - expandi-la de maneira real para todos os setores oprimidos de sua sociedade: negros, mulheres, pobres e imigrantes. Por outro lado, ao compará-la ao discurso de América proposta pelo presidente Trump, é possível notar claras diferenças de tendências políticas e de inclusão social.

Aos historiadores, cabe a nós a reflexão sobre o nosso papel nessa discussão pública sobre re-interpretações de mitos excludentes. A falta de crítica e problematização a uma produção popular sobre o passado que contém aspectos que deveriam ser discutidos não nos parece uma solução viável. Ao mesmo tempo, é impossível negar que “Hamilton - um musical americano” teve um impacto imenso na sociedade, trazendo à tona diversas discussões sobre o passado e o significado da nação estadunidense, e criticá-la por sua falta de historicidade não fará efeito nenhum nas percepções sobre o passado criadas por ela. Monteiro, por exemplo, recebeu críticas e respostas de tom agressivo às suas publicações, sendo acusada de criticar ao musical como se fosse um livro de história. Assim, fica a questão: como dialogar com essas produções populares de passado prático, aproveitando o interesse sobre o tema de forma a criar uma discussão mais profunda sobre o assunto, sem criar uma atmosfera de embate entre a historiografia e a produção analisada?

⁹¹ Informações retiradas de: Lopez, German, “There are huge racial disparities in how US police use force”, Vox, 14 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.vox.com/identities/2016/8/13/17938186/police-shootings-killings-racism-racial-disparities>>.

⁹² Equitable Growth. “Factsheet: Gender wage inequality in the United States and what to do about it”. Washington Center for Equitable Growth, 9 de abril de 2018. Disponível em: <<https://equitablegrowth.org/factsheet-gender-wage-inequality-in-the-united-states-and-what-to-do-about-it/>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes consultadas:

Álbuns Musicais:

LACAMOIRE, Alex; SHERMAN, Bill; MIRANDA, Lin-Manuel et al. Vários Artistas. **Hamilton: Original Broadway Cast**. Atlantic Records, NYC. 2015. Disponível na plataforma de streaming de música Spotify <<https://open.spotify.com/album/1kCHru7uhxBUdzkm4gzRQc>>;

LACAMOIRE, Alex; et al. Vários Artistas. **The Hamilton Mixtape**. Atlantic Records, NYC, 2016. Disponível na plataforma de streaming de música Spotify <<https://open.spotify.com/album/5AgsHUKFxr5DApRCmullqJ>>;

Vídeos:

“Emma Watson interviews Lin-Manuel Miranda for HeForShe Arts Week”, Youtube, postado por Totally Emma Watson. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-NbEbkVrVWY>>. Acesso em: 17/11/2018;

“Hamilton cast performs ‘Alexander Hamilton’ at White House”, Youtube, postado por CBSN. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZPrAKuOBWzw&t=1s>>. Acesso em 17/11/2018;

“Lin-Manuel Miranda performs ‘Alexander Hamilton’ at The White House”, Youtube, postado por Jungle Vlog. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=E8_ARd4oKil>. Acesso em: 17/11/2018;

“Lin-Manuel Miranda changes Hamilton lyrics for Hillary Clinton”, Youtube,, postado por CBS News. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o10xcWo2k04>>. Acesso em : 17/11/2018;

“70th Annual Tony Awards 'Hamilton'”, Youtube, postado por BroadwayInHD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b5VqyCQV1Tg>>. Acesso em: 17/11/2018;

“Immigrants (We Get The Job Done)”. Videoclipe, Youtube, publicado por “Hamilton: An American Musical”, 20 de junho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6_35a7sn6ds>. Acesso em 17/11/2018;

Reportagens:

Allen, Jason. **“A Color-blind Stockholm Syndrome”**. *History@Work*, 9 de março de 2016. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/a-color-blind-stockholm-syndrome/>>. Acesso em 17/11/2018;

Brantley, Ben. **“Review: ‘Hamilton,’ Young Rebels Changing History and Theater”**. *New York Times*, 6 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/07/theater/review-hamilton-young-rebels-changing-history-and-theater.html?_r=0>. Acesso em 17/11/2018;

Brands, H. W. **“Founders Chic: Our reverence for the Fathers has gotten out of hand”**. *The Atlantic*, Setembro de 2003. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2003/09/founders-chic/302773/>>. Acesso em 17/11/2018;

Biedenharn, Isabella. **“Making The Hamilton Mixtape: Lin-Manuel Miranda explains the stories behind the songs”**. *Entertainment Weekly*, 30 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://ew.com/music/2016/11/30/hamilton-mixtape-lin-manuel-miranda-songs/>>. Acesso em: 17/11/2018;

Binelli, Mark, **“‘Hamilton’ Creator Lin-Manuel Miranda: The Rolling Stone Interview”**. *Rolling Stone*, 1 de junho de 2016. Disponível em:

<<https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/hamilton-creator-lin-manuel-miranda-the-rolling-stone-interview-42607/>>. Acesso em: 17/11/2018.

Calmes, Jackie, “**Success of ‘Hamilton’ May Have Saved Hamilton on the \$10 Bill**”. *New York Times*, 15 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/04/16/us/politics/success-of-hamilton-may-have-saved-hamilton-on-the-10-bill.html>>. Acesso em: 17/11/2018.

Equitable Growth, “**Factsheet: Gender wage inequality in the United States and what to do about it**”. *Washington Center for Equitable Growth*, 9 de abril de 2018. Disponível em: <<https://equitablegrowth.org/factsheet-gender-wage-inequality-in-the-united-states-and-what-to-do-about-it/>>. Acesso em: 17/11/2018.

Gordon-Reed, Annette. “**Hamilton: The Musical: Blacks and the founding fathers**”, *History@Work*, 06 de abril de 2016. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/hamilton-the-musical-blacks-and-the-founding-fathers/>>. Acesso em: 17/11/2018;

IANIS, “**Donald Trump asks National Football League to suspend anthem protesters**”, *Financial Express*, 21 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.financialexpress.com/world-news/donald-trump-asks-national-football-league-to-suspend-anthem-protesters/1252877/>>. Acesso em 17/11/2018;

Lopez, German, “**There are huge racial disparities in how US police use force**”, *Vox*, 14 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.vox.com/identities/2016/8/13/17938186/police-shootings-killings-racism-racial-disparities>>. Acesso em: 17/11/2018;

McMaster, James, “**Why Hamilton is Not the Revolution You Think it is**”, *Howl Around*, 23 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://howlround.com/why-hamilton-not-revolution-you-think-it>>. Acesso em: 17/11/2018.

Mele; Healy, **“‘Hamilton’ Had Some Unscripted Lines for Pence. Trump Wasn’t Happy.”** *New York Times*, 19 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/19/us/mike-pence-hamilton.html>>. Acesso em : 17/11/2018;

Mills, Doug. **“Transcript of Obama State of the Union Address”**, *New York Times*, 12 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2016/01/13/us/politics/obama-2016-sotu-transcript.html>>. Acesso em 17/11/2018;

Monteiro, Lyra D. **“It’s not ‘just a musical’”**, 10 de junho de 2016, *History@Work*. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/its-not-just-a-musical/>>. Acesso em: 17/11/2018;

Montgomery, Scott L. **“What Really Kept Alexander Hamilton on the \$10 Bill”**, 24 de abril de 2016, *Fortune*. Disponível em: <<http://fortune.com/2016/04/24/alexander-hamilton-harriet-tubman/>>. Acesso em: 17/11/2018;

Noonan, Ellen. **“Who tells your story?”**. *History@Work*, 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://ncph.org/history-at-work/who-tells-your-story/>>. Acesso em: 17/11/2018;

Owen, Ken. **“Historians and Hamilton: Founders Chic and the Cult of Personality”**. *The Junto*, 21 de abril de 2016. Disponível em: <<https://earlyamericanists.com/2016/04/21/historians-and-hamilton-founders-chic-and-the-cult-of-personality/>>. Acesso em 17/11/2018;

Phillips, Amber. **“‘They’re rapists.’ President Trump’s campaign launch speech two years later, annotated”**. *The Washington Post*, 16 de junho de 2017. Disponível em :<<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/06/16/theyre-rapists-presidents-tru>

[mp-campaign-launch-speech-two-years-later-annotated/?utm_term=.faac39ba2c86](https://www.nytimes.com/2016/04/11/theater/hamilton-and-history-are-they-in-sync.html)>. Acesso em 17/11/2018;

Schuessler, Jennifer. **“‘Hamilton’ and History: Are They in Sync?”**, 10 de abril de 2016, *New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/04/11/theater/hamilton-and-history-are-they-in-sync.html>>. Acesso em 17/11/2018;

Shalby, Colleen, **“A brief history of the Trump campaign's controversies with women”**, *Los Angeles Times*, 09 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.latimes.com/politics/la-na-pol-trump-campaign-insults-women-20161009-snap-htmlstory.html>>. Acesso em 17/11/2018;

Scheer, Cat, **‘Hamilton and The Bechdel Test’**, *The Whole Cat*, 24 de julho de 2016. Disponível em: <<https://thewholecat.wordpress.com/2016/07/24/hamilton-and-the-bechdel-test/>>. Acesso em 17/11/2018;

Verhoeven, B. **“‘Hamilton’ vs Donald Trump-Mike Pence: A Timeline”**. *The Wrap*, 21 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.thewrap.com/hamilton-donald-trump-mike-pence-timeline/>>. Acesso em 17/11/2018;

Referências Bibliográficas:

BERGEN, Sadie. **“On Hamilton and Learning to Think Historically”**. *Perspectives on History*, Washington, DC. Vol. 53, nº 7. 2, out de 2015. Disponível em: <<https://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/october-2015/on-hamilton-and-learning-to-think-historically>>. Acesso em: 17/11/2018;

BAILYN, Bernard. **“As Origens Ideológicas da Revolução Americana”**. Bauru: Edusc, 2003.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHERNOW, Ron. **Alexander Hamilton**. The Penguin Press, Inc. New York, NY. 1ª edição. 2004.

DRIVER, Stephanie Schwartz. “**A Declaração de Independência dos Estados Unidos**”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-74.

FONER, Eric. **Give Me Liberty! An American History**. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010.

GRANT, Susan-Mary. **A Concise History of the United States of America**. Cambridge University Press, New York, NY. 1ª edição. 2012.

KARNAL, Leandro; MORAIS, Marcos Vinícius de; FERNANDES, Luiz Estevan; PURDY, Sean. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. Editora Contexto. São Paulo, SP. 3ª edição. 2016.

MONTEIRO, Lyra D.; **Review Essay: Race-Conscious Casting and the Erasure of the Black Past in Lin-Manuel Miranda’s Hamilton**. *The Public Historian*, Vol. 38 No. 1, February 2016.

MURRIN, John. et al. **Liberty, Equality, Power. A history of the American people**.

RUFER, Mario. “**Memoria sin garantías: usos del pasado y política del presente.**” In: Anuario de Investigación 2009 – UAM-X, 2010.

WHITE, Hayden V.; **The Practical Past**. The Northwestern University Press. Evanston, Illinois. Impressão Digital. 2014.

